



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

PORNÔ ONLINE: O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO SEXUAL E
IDENTIDADE DE ADOLESCENTES

Larissa Pereira Bispo

Rio de Janeiro
2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**PORNÔ ONLINE: ESPAÇO NA EDUCAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE
DE ADOLESCENTES**

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do diploma em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo.

Larissa Pereira Bispo

Orientadora: Prof^a. Dr^a Marialva Carlos
Barbosa

Rio de Janeiro
2017

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Pornô online: o espaço na educação sexual e identidade de adolescentes**, elaborada por Larissa Pereira Bispo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a Marialva Carlos Barbosa
Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF
Departamento de História - UFF

Prof^a. Dr^a Monica Pereira dos Santos
Doutora em Psicologia e Educação Especial pela Universidade de Londres - UL

Prof^a. Mr^a Fernanda Melo da Escóssia
Mestra em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro
2017

B622p

Bispo, Larissa Pereira

Pornô online: o espaço na educação sexual e identidade de adolescentes. / Larissa Pereira Bispo. - Rio de Janeiro, 2017.

60 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação em Comunicação Social, Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2017.

Orientadora: Marialva Carlos Barbosa.

1. Pornografia. 2. Identidade. 3. Adolescência. 4. Educação. 5. Mídia. I. Barbosa, Marialva Carlos. II. Pornô online: o espaço na educação sexual e identidade de adolescentes.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre acreditaram na importância da Educação e me proporcionaram tudo o que é preciso para que eu seja o melhor que eu posso ser. Obrigada por confiarem em mim.

À minha orientadora, pelo suporte, dicas e sugestões.

À professora Mônica, pela paciência, apoio e compreensão. Sem você, este trabalho não teria sido possível.

Aos meus amigos, à minha namorada e todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos a mim, me fazendo acreditar em mim mesma, apoiando minhas decisões e lembrando do quanto eu sou capaz e que não estou sozinha. Obrigada.

BISPO, Larissa Pereira Bispo. **Pornô online**: o espaço na educação sexual e identidade de adolescentes. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

A pornografia na internet, através dos sites pornográficos, vem ocupando espaço cada vez maior na educação sexual dos adolescentes e na constituição de suas identidades. A ausência do diálogo sobre assuntos como gênero, sexualidade, orientação sexual e prática sexual pela família e escola cria a necessidade de busca por informações, espaço ocupado pelos meios de comunicação com as revistas, televisão e, hoje, a internet como protagonista. O presente trabalho busca entender, a partir de uma amostra de adolescentes, o que podem estar aprendendo no acesso e consumo de conteúdo sexualmente explícito na internet e como a desigualdade de gênero representada nos vídeos pornográficos influencia no olhar sobre si mesmos, sobre o outro e sobre a identidade feminina. Para isso, foram analisados qualitativamente a estrutura e vídeos do Pornhub, um dos maiores sites de compartilhamento de vídeos pornográficos do mundo e dados quantitativos e qualitativos obtidos através de questionário online disponibilizado para o público adolescente.

BISPO, Larissa Pereira Bispo. **Pornô online**: o espaço na educação sexual e identidade de adolescentes. Orientadora: Marialva Carlos Barbosa. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ABSTRACT

Pornography on the Internet, through pornographic sites, has been taking up more space in the sexual education of adolescents and in the constitution of their identities with what may be being taught through this content. The absence of dialogue on issues such as gender, sexuality, sexual orientation and sexual practice by the family and school with adolescents creates the need to search for real information, occupied by the media with magazines, television and today the internet as the protagonist. The present work seeks to understand, from a sample of adolescents, what they may be learning in the access and consumption of sexually explicit content on the Internet, and how the gender inequality represented in pornographic videos influences their look on themselves, on another and on the feminine identity. For that, the structure and videos of the Pornhub site, one of the largest pornographic video sharing sites in the world, and quantitative and qualitative data obtained through an online questionnaire made available to the adolescent public, were qualitatively analyzed.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. METODOLOGIA	5
3. A MÍDIA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES	9
3.1 A identidade na pós-modernidade	9
3.2 As identidades sexuais e de gênero na adolescência	11
3.3 O papel da mídia	14
3.3.1 A ausência da escola	15
3.3.2 – O espaço ocupado pelos veículos de comunicação	18
4. PORNOGRAFIA E DESIGUALDADE DE GÊNERO	23
4.1 A pornografia na internet	23
4.2 Desigualdade de gênero e representação da mulher na pornografia.....	28
4.3 Pornhub: a representação das relações de gênero na pornografia heterossexual.....	32
5. O PAPEL EDUCATIVO DA PORNOGRAFIA	37
5.1 A pornografia e o seu potencial de ensino	37
5.2 O que os adolescentes estão aprendendo: análise do questionário	42
5.3 Pornhub Wellness Center: uma nova proposta de educação sexual	50
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

1. INTRODUÇÃO

A vontade de entender como o assunto sexualidade está inserido na educação de crianças - desde a descoberta do órgão e desejos sexuais e, mais tarde, em adolescentes - pode ser justificada pela percepção acerca do espaço preenchido pela família, escola e pelos meios de comunicação no comportamento e na formação de suas identidades. Dessa forma, o que proponho através deste trabalho é o questionamento sobre o que pode ser aprendido através de um desses agentes: a pornografia na internet. Para além disso, procuro identificar se o que é percebido pelos adolescentes, meninos e meninas, pode gerar impacto na formação de suas identidades, entendimento da própria sexualidade e produzir influências em suas escolhas durante a vida sexual. De que forma os padrões comportamentais, corporais e identitários apresentados pelos sites pornográficos podem influenciar na constituição de suas identidades?

A partir desse questionamento, a proposta do trabalho é analisar como as relações de gênero representadas por esse meio de comunicação, inseridas no conteúdo pornográfico visualizado por adolescentes de diferentes idades, identidades de gênero e orientações sexuais, se tornam um lugar-comum e ocupam um espaço de questionamentos e aprendizados não preenchido por instituições como a família ou a escola.

É possível identificar hoje, no Brasil, uma preocupação acerca da discussão do tema sexualidade, tanto dentro da escola quanto fora dela, a partir da presença do tema “Orientação Sexual” nos Parâmetros Curriculares Nacionais¹ do país, referentes aos ciclos do Ensino Fundamental. A proposta é promover reflexões e novas ações pedagógicas acerca não somente do assunto orientação sexual, mas direitos reprodutivos, gravidez na adolescência, masturbação na infância, a relação dos pais e a postura dos educadores.

Em contraste com a existência do tema a respeito da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 2014 o Congresso Nacional aprovou o Plano Nacional de Educação² (PNE) sem trechos que se refiram ao assunto gênero ou contenham o termo. A mudança foi feita depois de pressões realizadas pela sociedade civil e por deputados. Anos depois, em abril de 2017, o Ministério da Educação retirou do documento³ da Base Nacional Comum (BNCC) partes sobre orientação sexual, além da supressão da palavra gênero de alguns trechos.

¹ Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

² Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/>>. Acesso em: 20 nov. 2017

³ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2017.

Nesse contexto de pressão para a saída de temas relacionados a gênero e sexualidade do ambiente escolar, cada vez mais, desde a década de 80 pós-ditadura militar, os meios de comunicação configuram importante fonte de informação e possuem papel social fundamental acerca de temas que permeiam a sociedade. A função socioeducativa da mídia está presente desde os jornais até a internet e, com ela, a visibilidade da questão da sexualidade. O espaço de orientação e debate a respeito de temas transversais sobre sexualidade vem sendo ocupado por revistas, televisão e, mais recentemente, pela internet. Como aponta Douglas Kellner (apud ROSENZWEIG, 2016), a cultura veiculada pela mídia é agora a força dominante de socialização e “assim, suas imagens e celebridades substituem a família, a escola e a Igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento”.

A produção literária nacional e internacional existente acerca dos temas adolescência, sexualidade e mídia não é extensa. De acordo com a revisão literária internacional feita por Miguel e Toneli (2007), através da base PSYCLIT até o ano de 2003, foram feitas somente 48 referências combinando as palavras *adolescence*, *sexuality* e *media*⁴.

De acordo com Miguel e Toneli (idem, p. 292):

Trabalhos internacionais dão ênfase à influência da mídia sobre a sexualidade adolescente, bem como ao papel informativo dos veículos midiáticos, entretanto, pouco se discute sobre o uso que os adolescentes fazem da informação oriunda da mídia, a leitura que dela fazem e sua aplicação no cotidiano; evidência também encontrada em alguns dos trabalhos nacionais examinados.

Já em relação à base nacional, até o ano de 2003, através da combinação de palavras adolescência, sexualidade e mídia, tomando como referência a Biblioteca Ana Maria Popovic (Fundação Carlos Chagas), três referências foram citadas; consultando a base de dados LILACS, duas referências; na base de dados SCIELO não foram encontradas referências e no banco de teses da CAPES, sete referências. É importante destacar que, após a busca pela combinação de palavras, com o exame dos resumos, as autoras verificaram que nem todas as referências diziam realmente respeito à temática em questão, tendo sido estas descartadas.

Ao levantar esses dados e tomando como referência a mesma combinação de palavras - adolescência, sexualidade e mídia - foi constatado que, do ano de 2003 até 2017, na Biblioteca Ana Maria não foram registradas mais nenhuma referência; na base de dados LILACS mais três referências e na base de dados SCIELO, duas referências. É possível

⁴ Adolescência, sexualidade e mídia - tradução nossa.

perceber, através desses dados, a negligência da discussão no âmbito científico em relação ao tema adolescência, sexualidade e mídia, objeto de estudo deste trabalho. Identifica-se a necessidade de se criar espaços de discussão sobre aceitação corporal, prazer, individualidades, masculinidade e feminilidade de maneira inclusiva e, em profundidade, em relação à adolescentes no início da descoberta sexual.

Um estudo realizado em 2004 com 336 estudantes universitários brasileiros mostrou que entre os 102 homens que consumiam frequentemente pornografia, 56% o faziam para obter informações reais sobre sexualidade, 50% para ter mais fantasias e 37% para aprender sobre novas posições e técnicas (GUERRA et al apud D'ABREU, 2013). Tais dados revelam o espaço ocupado pela pornografia online na formação da sexualidade de jovens e adolescentes. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão a respeito do impacto da pornografia disponível na internet no ensino da prática sexual de adolescentes e no desenvolvimento da expressão de suas sexualidades, a partir da identificação do que pode ser ensinado através desse conteúdo pornográfico e se o mesmo pode influenciar em algum aspecto a construção de suas identidades e o olhar sobre as mulheres, por meio da análise das relações de gênero representadas na pornografia na internet.

Após um capítulo inicial, cujo objetivo é tecer considerações sobre as escolhas metodológicas presentes no trabalho (segundo capítulo), no terceiro capítulo, procuro entender o que é identidade a partir da premissa que considera a existência de múltiplas identidades que coexistem na formação de um sujeito, a partir do pensamento de Stuart Hall (2006); como ela se constrói no período da adolescência, qual as percepções a respeito das identidades sexuais e de gênero pelos adolescentes; qual o papel da mídia na formação das identidades no imaginário dos adolescentes e a ausência da escola, a partir de uma perspectiva histórica da Educação Sexual no Brasil; e como esse espaço de ausência está sendo ocupado por diferentes veículos de comunicação nas últimas décadas, a partir da necessidade de informação pelos adolescentes.

No quarto capítulo, foi realizado um panorama do acesso à pornografia na internet a partir de dados quantitativos disponibilizados pelo site Pornhub⁵, um dos sites pornográficos mais populares do mundo, referentes ao ano de 2016, e a pornografia como espaço de reprodução e desigualdades de gênero, a partir da contextualização do debate sobre gênero pelos movimentos feministas nas últimas décadas. Com o objetivo de ilustrar e dar materialidade a discussão teórica, nesse capítulo foi feita uma análise qualitativa da estrutura

⁵ Disponível em: <<https://pt.pornhub.com/>> Acesso em: 12 nov. 2017.

e de alguns vídeos do site Pornhub, com a qual procuro entender como as mulheres estão sendo representadas e como as relações de gênero se configuram nesse espaço.

A partir da compreensão de como mulheres e homens são representados na pornografia heterossexual – lugar onde é mais visível características normativas sobre os papéis sexuais -, este trabalho quer compreender qual a influência desse conteúdo midiático na formação e identidades no período da adolescência; se esse espaço pode ser um lugar de busca por informações e ensinamentos; e qual a mudança a respeito da visão sobre as mulheres a partir do contato com sites pornográficos. Os vídeos e anúncios presentes nesses sites fazem parte da educação sexual desses jovens e influenciam nas escolhas que farão durante o resto da sua vida, perpetuando a desigualdade de gênero e a percepção dos corpos femininos como mero objetos? Como essas imagens se acomodam nas expressões corporais, autoconhecimento e relações interpessoais desses jovens?

Dessa forma, no último capítulo, procuro abordar o papel educativo da pornografia, com o foco na pornografia. Estudos que ilustram a procura por informações na pornografia; a apresentação de uma produção audiovisual que descreve o contato com adolescentes com a pornografia e do site Pornhub Wellness Center⁶, página produzida pelo site Pornhub, que tem como proposta a educação sexual, estão contidos nesse capítulo. Além disso, faz parte também do conteúdo desta parte do trabalho a análise quantitativa e qualitativa de um questionário online, disponibilizado de forma não segmentada através da internet a fim de coletar dados e respostas de adolescentes brasileiros. O questionário contém nove perguntas, sendo as três primeiras, a sexta e a oitava, objetivas e a quarta, quinta, sétima e nona, discursivas. Foram obtidas 369 respostas em apenas dois dias, sendo 216 de sujeitos maiores de 13 anos e menores de 18 anos, ou seja, que se encontram na fase da adolescência.

O que se espera concluir é que a pornografia na internet está, de alguma forma, ocupando um espaço educativo na formação das identidades, olhares sobre si mesmo e sobre o outro e na percepção das relações de gênero e papéis sexuais reproduzidos. Além disso, comprovar que os adolescentes estão assistindo pornografia na internet e que possuem uma ligação direta de interpretação do que visualizam na performance nas cenas dos vídeos pornográficos com a sua aplicação em suas vidas reais, relacionamentos, questionamentos identitários, subjetividades e entendimento sobre questões como solidão, relacionamentos amorosos, papéis sociais, prazer e agressão, a partir da ausência da família e escola no debate de tais assuntos.

⁶ Disponível em: < <https://www.pornhub.com/sex/> > Acesso em: 12 nov, 2017.

2. METODOLOGIA

Para a definição do delineamento da pesquisa, entre a pesquisa exploratória, descritiva ou explicativa, o procedimento metodológico utilizado neste trabalho é uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa. Define-se pesquisa exploratória como um estudo preliminar que visa conhecer melhor uma determinada realidade, a partir da adequação de instrumentos de medida (PIOVESAN & TEMPORINI, 1995).

Segundo Gil (apud RAUPP & BEUREN, 2003), “a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato”. Ou seja, é utilizado este tipo de pesquisa quando se quer conhecer mais profundamente uma realidade ou assunto, de forma a torná-los mais claros, sem a intenção de comprovar algo definitivamente. Portanto, é uma maneira de trazer à tona o debate teórico, a partir de abordagens como análise e levantamento bibliográfico para explorar determinada ideia inicial apresentada, em uma amostra do público ou a confluência de pensamento de diferentes autores. A pesquisa exploratória procura aproximar o trabalho da realidade e do contexto em questão.

Neste trabalho, a abordagem da pesquisa se baseia em três eixos principais: foram realizados levantamento bibliográfico, análise de conteúdo do site Pornhub e, como instrumento de levantamento de dados qualitativos, aplicamos um questionário online, onde sentimentos, percepções e intenções são identificados e analisados qualitativamente, com o objetivo de criar uma relação entre a realidade da amostra do público coletada com o debate teórico proposto.

O levantamento bibliográfico se propôs a pesquisar a produção literária nacional, do ano de 2003 até o ano de 2017, em três bases de dados nacionais, através da combinação das palavras “adolescência”, “sexualidade” e “mídia”, já apresentado anteriormente. Além disso, este trabalho procurou construir um debate teórico através da apresentação do pensamento de autores que discutem assuntos relacionados à educação sexual, mídia, adolescência e desigualdade de gênero. Tal debate é retomado nas análises qualitativas, a fim de comprovar as hipóteses e dar embasamento ao que está sendo explorado nos dados coletados nas amostras do público-alvo.

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo, enquanto na análise qualitativa é a presença ou a ausência de um conjunto ou uma dada característica de conteúdo que é tomado em consideração. (GEORGE apud BARDIN, 1977). Portanto, é a análise de conteúdo uma metodologia para a

análise de dados qualitativos que, segundo Bardin (1977), é um método empírico, que depende do tipo de interpretação a que o pesquisador tem como objetivo, a partir do método dedutivo, ou seja, da leitura de significados e significantes. É importante diferenciar a análise do discurso da análise de conteúdo: enquanto a primeira interpreta dados que vão além do registro físico, como o tom de voz, por exemplo, a análise de conteúdo se restringe ao que está presente em registros ou documentos.

Este trabalho utilizou a análise de conteúdo em momentos distintos, com três finalidades: na apresentação e descrição de dados fornecidos pelo site Pornhub em relação ao consumo de material pornográfico durante o ano de 2016; na interpretação do conteúdo do site, a partir de sua estrutura e organização e, também, de vídeos compartilhados previamente selecionados a partir da escolha com o que mais se aproximavam da problemática da desigualdade de gênero; e na leitura dos dados – quantitativos e qualitativos - obtidos através do questionário disponibilizado online.

A descrição dos dados fornecidos pelo site Pornhub foi um instrumento utilizado na interpretação do conteúdo do site, posteriormente. Em relação ao site, guias e abas foram observadas, além da organização das páginas e do conteúdo em cada seção, além do que está registrado nos “Termos de Compromisso”. Os resultados de busca do site também foram dados obtidos e interpretados, bem como os títulos e atuação de dois vídeos pornográficos que contém pornografia heterossexual, centro desta análise.

O questionário foi disponibilizado de forma online e não-segmentada para o público em geral. Foram formuladas nove perguntas previamente à divulgação do questionário, feito através de sites de redes-sociais. Foram obtidas 369 respostas em apenas dois dias, sendo 216 de sujeitos maiores de 13 anos e menores de 18 anos, ou seja, que se encontram na fase da adolescência, como já enfatizamos na Introdução. O objeto de estudo do questionário foi selecionado a partir de uma amostra não probabilística, por conveniência. Os participantes do questionário são pessoas que visualizaram a divulgação do mesmo na internet, deliberadamente. A restrição de análise do questionário foi unicamente relacionada à idade dos participantes, selecionando os que declararam ter idade entre 13 e 18 anos, porém não houve restrição acesso ao questionário em seu momento inicial.

O público-alvo são adolescentes, portanto, a primeira pergunta procura saber a idade dos participantes, e os mesmos só conseguem prosseguir para a segunda pergunta se declararem serem menores de 18 anos dentre as opções “Menor de 13 anos”, “13 a 15 anos”, “16 a 18 anos” e “Maior de 18 anos”. A segunda pergunta tem como objetivo saber o gênero

com o qual o participante se identifica, apresentando as opções “Mulher”, “Homem”, “Queer” e “Nenhuma das opções acima”. Já a terceira pergunta procura saber se o participante assiste pornografia na internet. Novamente, o adolescente só consegue prosseguir no questionário se responder afirmativamente a essa questão. A quarta e quinta perguntas são subjetivas e exigem uma resposta discursiva dos participantes: “O que você procura ao acessar sites pornográficos?” e “O que você encontra nos sites pornográficos”. As duas questões procuram estabelecer um eixo comparativo entre as expectativas dos adolescentes e o que eles verdadeiramente encontraram ao consumir conteúdo sexualmente explícito na internet.

A sexta pergunta, “Você acha que aprende como ser ou agir assistindo pornografia?” é a que procura entender se os adolescentes estão verdadeiramente aprendendo alguma coisa com a pornografia e se a mesma está causando algum impacto na maneira de ser ou de se comportar desses adolescentes. Respondendo afirmativamente à questão, o participante é direcionado para a próxima pergunta: “O que você acha que aprende assistindo pornografia?”. Por fim, as duas últimas seções do questionário estão relacionadas com as relações de gênero produzidas pela pornografia. A fim de compreender se os adolescentes da amostra coletada percebem alguma forma de representação de desigualdade de gênero e se sua visão sobre as mulheres mudou de alguma forma consumindo pornografia na internet, as questões são: “Você percebeu alguma diferença no seu comportamento ou visão em relação às mulheres depois que começou a assistir pornografia?” e “Comente sobre essa mudança de comportamento ou visão acerca das mulheres”.

O objetivo do questionário foi comprovar, através de uma amostra do público adolescente, objeto do estudo, se os adolescentes estão consumindo pornografia e se esse conteúdo na internet impacta sua visão sobre o mundo e sobre si mesmos, influenciando na constituição de suas identidades. Uma das hipóteses levantada e que busca ser comprovada através do questionário é se a desigualdade de gênero presente nos vídeos pornográficos – através das performances das cenas e fotografia dos vídeos - do site Pornhub e descrita nos capítulos anteriores à análise, é um dos conteúdos com potencial de ensino presente no ambiente online dos sites pornográficos e acessados pelos adolescentes, hoje, no Brasil.

Os dados obtidos nos questionários foram de origem quantitativa e qualitativa, sendo os dados quantitativos e as respostas objetivas representados por gráficos disponibilizados pelo gerador online das seções presentes, o “Google Forms” – ferramenta para a criação de formulários do site de busca Google⁷. Em relação às respostas subjetivas dos adolescentes,

⁷ Disponível em: < <https://www.google.com.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

foram selecionadas algumas respostas para que seja feita análise, a partir de uma interpretação de acordo com os objetivos e relação com o debate teórico, proposta na primeira parte deste trabalho.

3. A MÍDIA E A FORMAÇÃO DE IDENTIDADES

A mídia foi por muito tempo e ainda é um meio que exerce influência sobre os sujeitos, como consumidores de seus conteúdos - tanto no seu comportamento como na formação de suas identidades - a partir de referenciais e modelos que divulga. Neste capítulo, abordaremos, primeiramente, a questão das múltiplas identidades na pós-modernidade, de acordo com as análises de Stuart Hall, com foco nas identidades sexuais e de gênero e como as mesmas são percebidas durante o período da adolescência. Sendo a educação sexual importante fonte de informação sobre essa percepção no período da adolescência, o lugar ausente da escola será analisado em uma perspectiva histórica, bem como o papel que os meios de comunicação exercem sobre a constituição das identidades nos adolescentes, a partir desse não-lugar da escola e, também, da família.

3.1 A identidade na pós-modernidade

A discussão sobre identidade foi amplamente abordada por Stuart Hall (2006) nos primeiros anos do que chamamos de pós-modernidade. A ideia de que as identidades pessoais estão em constante mudança e que vivenciamos a transição de um indivíduo unificado para um sujeito sociológico - que se forma a partir da relação com outros indivíduos - e, agora, para um sujeito pós-moderno, precisa estar presente ao analisar a formação e reprodução do processo de identificação de um sujeito.

Segundo Hall (2006, p.12), “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”. Essa transformação de um sujeito integrado para um sujeito descentralizado, ou seja, que pode pertencer a diferentes grupos sociais, auxilia a compreensão dos níveis de profundidade de conhecimento e entendimento de si próprio durante o período da adolescência.

Na pós-modernidade em que vivemos, a identidade é definida historicamente, e não biologicamente, pelos sistemas culturais que nos rodeiam. Tais sistemas culturais são os responsáveis pela formação dos diferentes grupos identitários que ocupam e, ao mesmo tempo, formam a sociedade. Hoje, no sistema social ocidental pós-moderno, o indivíduo pode ocupar diferentes grupos e se identificar de acordo com o que lhe dá forma e lhe traz representatividade, em momentos e situações distintos. Essa liberdade de existência caracteriza um “jogo de identidades”, que ressignifica a noção de pertencimento na sociedade.

De acordo com Hall (2006, p.12):

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

Sendo assim, o sujeito é formado por várias constituições de si mesmo a partir daquilo com o que ele se identifica. A identidade do indivíduo, portanto, sendo mutável e impermanente, se constrói a partir do que vê, presencia e se relaciona. Gonçalves (2014) enfatiza a questão das trocas sociais na formação das identidades pessoais e culturais, afirmando que esse processo ocorre a partir de um diálogo contínuo com o mundo exterior e com as identidades reproduzidas nesse mundo em constante mudança que obriga o sujeito a assumir várias identidades, em tempo e espaços específicos.

As identidades - aquilo com o qual o sujeito se vê reproduzido ou se sente pertencente a - podem ser de gênero, raça, classe, religião ou nacionalidade. Todas são constituídas por redes de poder (LOURO, 2000). Opressão, hierarquização e normatização de determinadas identidades e formas de ser e agir em relação a outras são moldadas de acordo com o contexto sociocultural e, também, com essas relações de poder que se formam. Na sociedade ocidental, é possível perceber o homem, branco, heterossexual, cisgênero⁸, cristão e de classe alta como sendo a referência da máxima do que se pode ser e isso é visível tanto nas relações interpessoais quanto nas produções midiáticas. Portanto, tais identidades são normalizadas e influenciam as escolhas dos indivíduos durante toda a vida.

A percepção de que a identidade é uma característica independente ao indivíduo confronta com a de que as identidades são construídas de acordo com as referências com as quais o mesmo tem contato durante sua trajetória como sujeito. Isso acontece devido a uma linha tênue que separa identificação e diferenciação. O indivíduo, imerso na lógica de globalização, se confronta com uma série de comportamentos e grupos sociais com os quais escolhe ou é levado a pertencer uma vez que repudia outros modelos de existir no mundo, que é cada vez mais complexo e interconectado.

A adolescência, sendo um período de transição entre a infância e a idade adulta, configura-se como um momento de compreensão da própria identidade e, também, do que se pode chamar de “crise de identidade”, ou seja, a não-identificação com características e papéis que fazem parte do universo adolescente. Aberastury e Knobel (1971), definem como “Síndrome Normal da Adolescência” esse estado de crise que gera impactos na formação da personalidade.

⁸Termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica com o gênero atribuído a ele desde o seu nascimento.

Nessa “síndrome normal”, o adolescente percorre diversos conflitos que o levam a uma instabilidade emocional cujo fim é a busca de si, uma consciência de si mesmo como um ser integrado biopsicossocial - uma identidade e uma subjetividade. Essa busca acontece por uma série de identificações com modelos de comportamentos (seja dos grupos de pares, familiares, professores, artistas etc.) até estabelecer a sua própria identidade. (ABERASTURY & KNOBEL apud MAGRO, 2003).

A busca por si mesmo leva o adolescente a ir de encontro a inúmeras representações produzidas pela cultura e contexto social em que está inserido, confrontando-o e desafiando-o a se encaixar ou não em padrões e estereótipos que o fazem acreditar estar se tornando parte da “idade adulta” - do que principalmente a família, escola e a mídia os apresentam como referência em um processo com uma série de identificações e não-identificações. Entretanto, apesar de o período da adolescência ser crucial no processo de escolhas e possibilidades, não podemos concluir que essa fase definirá o que forma o indivíduo para toda a vida ou o que o mesmo será durante todo o restante da vida adulta. O que podemos ressaltar é a importância da configuração do sujeito neste período em relação às suas múltiplas identidades possíveis.

O foco deste trabalho são as identidades sexuais e de gênero e como as mesmas são percebidas no processo de transformação e configuração do sujeito adolescente.

3.2 As identidades sexuais e de gênero na adolescência

As identidades de gênero e sexuais no período da adolescência são parte das múltiplas identidades que indivíduo pode incorporar. É na adolescência que ocorrem as maiores possibilidades de identificação com gêneros e papéis sexuais, uma vez que o adolescente, em um período de transição da infância para a vida adulta, vive um momento de reconhecimento de inúmeras referências e modelos na sociedade e “é neste momento que as concepções de masculinidade e feminilidade passam a ter um significado próprio e são melhor delimitados”. (DOMINGUES & ALVARENGA, 1997, p.45).

A palavra gênero tem uma história atribuída a movimentos sociais e à luta por direitos humanos e igualdade. Introduzida no campo científico em 1968 por Robert Steller, a palavra tinha como função a separação em relação a “sexo”, a partir da discussão sobre pessoas inter e transexuais, que não se identificavam com o sexo biológico. Steller inaugurou a ideia de que o gênero é construído socialmente, a partir das vivências e sistemas de identificação de um indivíduo e não está atrelada à natureza biológica dos seres vivos, identificada com a separação dos sexos.

Apropriada pelos movimentos feministas na década de 70, a categoria “gênero” surgiu no interior da categoria universal “mulher” (PINTO et al, 2005). Em 1990, historiadoras como

Joan Scott, ao escrever sobre a história de mulheres, passam a analisar a categoria gênero. De acordo com Scott (1995), a definição de gênero passa por duas proposições, sendo a primeira um elemento de constituição de relações sociais a partir da percepção das diferenças sexuais e a segunda uma maneira de significar as relações de poder. Analisando os aspectos que corroboram a primeira proposição, Scott evidencia um aspecto do gênero - a identidade subjetiva. Segundo ela, é preciso examinar as formas com que as identidades genericadas são construídas e relacioná-las com as representações históricas.

Já Judith Butler (2003) vai apresentar a divisão do gênero homem/mulher como parte da constituição identitária, como uma “interpretação cultural do sexo” e trazer o questionamento se as referências identitárias de gênero são normatizadoras e hierarquizam a posição e escolhas do sujeito, ou se a identidade de gênero se forma através da própria vivência e experiência pessoal do indivíduo:

Enquanto a indagação filosófica quase sempre centra a questão do que constitui a ‘identidade pessoal’ nas características internas da pessoa, naquilo que estabeleceria sua continuidade ou auto identidade no decorrer do tempo, a questão aqui seria: em que medida *as práticas regulatórias* de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito e, a rigor, o *status* quo auto idêntico da pessoa? Em que medida é a ‘identidade’ um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? (BUTLER, 2003, p.38)

As identidades femininas e masculinas são percebidas, construídas historicamente e geram significados distintos em relação uma a outra - essa é a principal questão a ser analisada quando se fala de gênero e papéis sociais na sociedade moderna, levando em consideração que as identidades não são fixas ou permanentes (HALL, 2006). Historicamente, a mulher ocupa um papel definido por sistemas sociais patriarcais e maternos, que a mantiveram, por muito tempo, em uma posição social de não liberdade e de objeto de práticas regulatórias, que designam o que é ser mulher e o que é ser “feminina”. Ser feminina – no interior de realidades que definem o homem como o principal eixo de identificação -, é a diferenciação ou contraste em relação a tudo o que é masculino.

Essa dinâmica fez-se presente durante muitas décadas no Brasil, e está sofrendo modificações nos últimos anos, desde os anos 70, com a eclosão de movimentos feministas e a luta pela igualdade da mulher, além da quebra de paradigmas e estereótipos que procuram limitar o que é a identidade feminina e a posição inferior, em inúmeras instâncias, em relação à identidade feminina. O movimento LGBT também vem conquistando espaço e reconhecimento nas questões que deslegitimam discursos normativos em relação à

imutabilidade das identidades, comportamentos e características biológicas, com destaque para o movimento trans.

O que podemos considerar relevante nessa questão é a reflexão sobre se o adolescente, em período de formação e constituição de identidades, é influenciado pelas instâncias que visam regular e institucionalizar certas identidades em relação a outras, ou se isso se deve a sua experiência de maior ou menor contato e reconhecimento com elas. O olhar sobre o outro, a visão sobre o próprio corpo, a assimilação dos papéis sexuais, a orientação sexual e o processo de identificação com as características que determinam os gêneros na sociedade - todos esses aspectos são parte da inserção no universo adolescente e da interação com a comunidade a que pertencem.

Uma pesquisa qualitativa com 31 adolescentes paulistas, de diferentes classes sociais, entre 15 e 19 anos (DOMINGUES & ALVARENGA, 1997) buscou analisar todas essas perspectivas no discurso adolescente. A análise de dados do estudo revelou que a adolescência, para os entrevistados, se apresentou como uma fase marcada por um conjunto de identificações e especificidades que diferenciam esse momento das idades infantil e adulta. O controle da sexualidade feminina foi marcante nas relações de gênero, visto que o número de parceiros sexuais aceitável e estimulado é maior para o gênero masculino e ainda estigmatizado para o feminino. A primeira relação sexual é vista como uma afirmação da virilidade e heterossexualidade entre os meninos, enquanto um momento de real vínculo afetivo na vida das meninas.

Já é possível identificar, portanto, desde a adolescência, as influências das dinâmicas das relações de gênero na percepção e visão sobre os papéis sociais e características que os adolescentes atribuem a si mesmos. A desigualdade de gênero e a visão estigmatizada do comportamento feminino pelos próprios adolescentes é identificada nesse estudo. A manifestação da sexualidade foi centrada na importância do corpo, com o modelo a ser seguido baseado no padrão imposto principalmente pela mídia, e peça-chave na autoestima dos adolescentes e um dos agentes que exerce influência sobre o processo de reconhecimento e identificação com o outro.

O que podemos chamar de agentes com papel ativo no reconhecimento a partir da visão do mundo externo ao indivíduo adolescente e que, portanto, fazem parte da sua exterioridade, são e foram, por muito tempo, a família e a escola, que permitem a relação com o outro e propiciam as relações sociais. Principalmente a partir dos anos 60, no Brasil, um novo agente começou a fazer parte do cotidiano dos adolescentes e dessa formação de

identidades e identificações com si mesmo, a partir não só de incentivo a uma nova forma de relação com o outro, mas através do uso de imagens e símbolos que são, cada vez em maior escala, apropriados e traduzidos livremente para a construção de sentidos do indivíduo, de acordo com seu contexto social e histórico: a mídia.

3.3 O papel da mídia

Os produtos da interação entre família, escola e mídia, ou seja, os sujeitos, para Gonçalves (2014, p.17), “são o resultado de uma maior ou menor ruptura e/ou continuidade entre tais instâncias”. Dessa forma, a união de todos os agentes pode ser caracterizada como o principal eixo de formação das identidades e constituição do processo de inserção do adolescente culturalmente, através da sua absorção e transformação.

Setton (2002) caracteriza esses três agentes como “parceiros de uma ação pedagógica”, que coexistem na educação do mundo contemporâneo numa relação dinâmica e interdependente. A mídia vem se tornando, portanto, parte importante da prática educacional, obtendo respostas às produções simbólicas e culturais que produz.

Considerar o caráter pedagógico da cultura de massa é salientar que a ampla circularidade dos bens culturais juntamente com a difusão das informações contribuem para o surgimento de novas formas de interação educativa. (GIDDENS apud SETTON, 2002, p.113).

De acordo com Lacerda (2012), a mídia ocupa o lugar na configuração de novas modalidades de socialização a partir da apresentação de múltiplas referências, por vezes incoerentes ou fragmentadas. Ou seja, sendo a mídia que conhecemos produtora e reprodutora de sistemas culturais, possui papel ativo da construção da identidade e subjetividade do indivíduo, a partir do maior ou menor contato com essa instância.

O conteúdo midiático, que pode ser encontrado em diferentes meios de comunicação, como revistas, televisão e, mais recentemente, a internet, produzem e perpetuam padrões, estereótipos, modelos e referências que são apropriados e interpretados de diferentes maneiras, incentivando o indivíduo a assumir várias identidades à medida em que internaliza os significados e valores que recebe (GONÇALVES, 2014). Além disso, as novas mídias, que têm como protagonista principal a internet e que surgem no Brasil a partir dos anos 90, oferecem contato com modelos e referências que não mais se limitam a distância física, mas podem ser construídas através da reprodução de situações, imagens ou conteúdo em vídeos disponibilizados virtualmente e que não mais dependem de um meio físico para circularem.

É importante salientar que a diferença do papel da internet em relação aos outros agentes, como família e escola, na formação de identidades, é a característica mercadológica

no centro da produção midiática, em que ideias, formas de vida, visões de mundo e grupos sociais são vendidos para o espectador - que por vezes é, também, produtor, ou seja, há uma experiência participativa do sujeito nessa relação. Nesse sentido, a forma com que os adolescentes consomem e se apropriam do conteúdo veiculado na internet e o papel desempenhado por esse novo meio de interação e absorção de aprendizados e espaços de identificação têm sido objetos de estudo de pesquisas e análises nas últimas décadas.

Um dos reconhecimentos e o que podemos chamar de influências identitárias que podem acontecer na correlação mídia-sujeito são as relacionadas às identidades de gênero e sexuais, que ganham sentido socialmente.

Segundo Domingues e Alvarenga:

Sendo na adolescência que ocorrem as maiores possibilidades de identificações de gênero e de sexo, consideramos que o exercício da sexualidade apresenta-se como elemento importante na formação da identidade adolescente, manifestada através de múltiplas identificações características, como a da imagem corporal, a da identificação com o masculino e/ou feminino, a da descoberta do “outro” como objeto de amor ou desejo, dentre outras. (DOMINGUES & ALVARENGA, 1997, p.38)

Dessa forma, as identidades sexuais e de gênero estão intimamente relacionadas a fatores culturais e externos aos indivíduos, que introduzem valores e discursos incorporados por eles. A indústria cultural e a globalização têm papel importante no processo de constituição dessas identidades, que ocorrem, em maior profundidade, no período da adolescência. A incorporação de conhecimentos e novas experiências a partir das relações familiares e sociais e, também, da percepção sobre o conteúdo a que o jovem está exposto na mídia são atores de transformação constante.

3.3.1 A ausência da escola

Qual a função dos pais na educação sexual dos filhos? E a da escola? Existe uma idade adequada para falar sobre determinados assuntos? É necessário introduzi-los ou esperar que a curiosidade desperte em crianças e adolescentes? Há certa estimulação sexual ao abordar o tema? Sobre o que os professores podem falar dentro de sala de aula? Eles estão preparados?

Todas essas questões fazem parte do que podemos caracterizar como a discussão entorno da Educação Sexual, hoje, no Brasil, que envolve família, escola, mídia e a sociedade. A escola, sendo um espaço de formação e informação, destaca-se como referência por ser esta sua função primeira. Nesse espaço pedagógico, a orientação sexual torna necessária a discussão sobre sexualidade (SAITO & LEAL, 2000). Sendo a adolescência um período de influências identitárias e referências subjetivas, segundo Maia et al (2012, p.152):

O trabalho de educação sexual formal é fundamental para romper ideias cristalizadas e construídas na sociedade, formando um ser humano consciente das relações sociais a que está submetido, principalmente considerando esse ser humano no período da adolescência.

A história do ensino sobre sexualidade no Brasil começou nas primeiras décadas do século XX, ocupando espaço de estudo e discussão principalmente nas Ciências Médicas. Essa institucionalização do debate acerca de sexualidade foi pautada em ideais higiênicos e eugênicos, como uma forma de “embranquecimento” da população, de maioria negra, eufemisticamente designada como “cabocla”. Os estudos desenvolvidos nessa época eram normatizadores ao se preocuparem com a saúde do cidadão ou com a necessidade de constituírem uma família saudável. Em 1933, o médico José de Albuquerque criou o “Círculo Brasileiro de Educação Sexual”, responsável pela publicação de livros, debates e palestras, sendo o primeiro a escrever sobre educação sexual na escola. A partir dessa base teórica e produtiva das décadas de 30 e 40, em 1960 educadores começaram a implementar a educação sexual nas escolas das capitais do Sudeste do país, mas foram interrompidos pelo Golpe Militar, retornando somente na década de 80, com a preocupação da epidemia de AIDS no Brasil (FIGUEIRÓ, 2009).

O que se pode perceber é que durante todo esse período a educação sexual brasileira esteve pautada na Ciência e Saúde, não levando em consideração escolhas individuais, gênero, identidade, orientação sexual ou conhecimento corporal. Até hoje, a educação sexual nas escolas brasileiras se restringe à disciplina de Ciências. A função do diálogo com crianças, jovens e adolescentes sobre a descoberta do sexo e o início da vida sexual, além da questão preventiva e reprodutiva, é, até hoje, discutida por pais e escola, que atribuem tal responsabilidade um ao outro. De acordo com Figueiró (2009, p.138), “é preciso inserir disciplinas de sexualidade no currículo dos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas, e formar professores para trabalhar com educação sexual, com o objetivo de tirar o sexo dos banheiros das escolas, levando-o para a sala de aula”. Entretanto, no Brasil, é possível observar que a educação sexual formal com crianças e adolescentes sofre alguns tipos de retaliação por parte de camadas específicas da sociedade.

Em 2011, três anos anteriores a retirada a aprovação pelo Ministério da Educação do Plano Nacional de Educação (PNE) sem trechos que se referiam ao assunto gênero ou continham o termo após pressões realizadas pela sociedade civil e por deputados em 2014, o livro "Aparelho Sexual e Cia - Um guia inusitado para crianças descoladas" teve exemplares comprados pelo Ministério da Cultura (MinC) e foi destinado a bibliotecas públicas. O livro,

lançado em 2007 pela editora Companhia das Letras e escrito por Zep, pseudônimo do autor suíço Phillipe Chappuis, foi publicado em mais de 10 idiomas, com 1,5 milhão de exemplares vendidos no mundo. O livro apresenta ilustrações que explicam como ocorre o ato sexual, entre outras questões relacionadas à puberdade e à descoberta corporal, através de uma abordagem participativa do leitor, com jogos e interações táteis em partes da leitura.



Figura 1. Livro “Aparelho Sexual e Cia - Um guia inusitado para crianças descoladas”.
Fonte: G1 Portal de Notícias⁹

No Brasil, houve repercussão negativa nas redes sociais, como o Facebook, com a declaração do deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), que dizia ser o livro “uma coletânea de absurdos que estimula precocemente as crianças a se interessarem por sexo. É uma porta aberta para a pedofilia”. O vídeo, que recebeu a maioria de comentários de aprovação ao seu discurso, levou a uma petição pública¹⁰ para a retirada do livro das escolas públicas, com mais de 33 mil assinaturas até o momento. A preocupação da sociedade com a forma com o que esses assuntos serão abordados nos espaços escolares são representados nesse tipo de amostra.

Além disso, o despreparo dos educadores e da escola, tanto na formação inicial quanto na continuada, para abordar questões que vão além do viés reprodutivo foi identificada em uma pesquisa (SILVA & NETO, 2006) que estudou as produções de pós-graduação brasileiras (65 teses e dissertações) sobre formação de professores e educadores para o trabalho com Educação Sexual nos vários níveis escolares. A leitura dos documentos levou à identificação da tendência, entre outras, dos limites e dificuldades para a implantação da

⁹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2016/01/mec-nega-boato-sobre-distribuicao-de-livro-de-educacao-sexual-escolas.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.peticaopublica.com.br/viewsignatures.aspx?pi=P2012N33194&pg=5>> Acesso em: 12 nov. 2017.

Educação Sexual nas escolas. A maior evidência observada é a falta de preparo dos profissionais, causas de fatores pessoais, científicos, institucionais ou gerados por políticas públicas insuficientes para garantirem a formação para a abordagem da temática.

O tema das DST/AIDS é o que mais aparece nos trabalhos (nove documentos) seguido da Educação Sexual para deficientes mentais (quatro documentos). Um aspecto importante destacado nos resultados da pesquisa é em relação à posturas e práticas pedagógicas, que se revelaram ainda retrógradas e repressoras, a partir do sentimento de despreparo, vergonha e insegurança dos educadores, norteadas pelos valores pessoais.

Tais posturas e práticas acabam por levar a uma visão reducionista e simplificadora sobre sexo, privilegiando um enfoque biologicista e higienista, em que predomina o discurso do medo e da doença, sem dar amplitude à questão da sexualidade. Várias pesquisas apontam que os professores/educadores são favoráveis à inclusão da Educação Sexual nos cursos de formação inicial e reconhecem a necessidade de ações e intervenções educativas que lhes possibilite reverem seus conceitos e preconceitos (SILVA & NETO, 2006, p. 193).

A conjuntura que se forma com a soma da limitação da abordagem da escola sobre as temáticas da sexualidade e a repercussão negativa de materiais pedagógicos que incentivam o despreparo e insegurança de professores para tratar desses assuntos, pode contribuir para problemas de ordem social na sociedade brasileira, como a gravidez na adolescência e o abuso sexual por adolescentes. Tais problemáticas advém do não-diálogo com os adolescentes e da falta de espaço para informações reais sobre práticas sexuais, liberdade sexual, orientação sexual e identidade de gênero.

Os produtos midiáticos, então, tornaram-se o resultado da ausência dos fatores descritos. A mídia, como veículo de comunicação e informação, ocupa um espaço que não é completamente preenchido pela família ou pela escola na discussão sobre sexo, sexualidade e gênero. Tais produtos - que se originam a partir de uma percepção da necessidade de tratar desses assuntos e, ao mesmo tempo, de uma apropriação da indústria cultural de um tema que desperta interesse em adolescentes, jovens e adultos - são veiculados através de diversos meios de comunicação, como revistas, televisão e, mais recentemente, a internet. É através desses meios de comunicação que, hoje, grande parte o debate (mais ou menos informativo) está inserido na sociedade brasileira.

3.3.2 – O espaço ocupado pelos veículos de comunicação

Alguns autores (GONÇALVES et al, 2002), remarcam essa influência especificamente em relação a alguns veículos de comunicação. As revistas Playboy e Capricho são citadas

como exemplo de conteúdo que fez parte do cotidiano do público adolescente masculino (Playboy) e feminino (Capricho) e pode ter sido parte do processo de identificação e descoberta da sexualidade dos mesmos.

Lançada em agosto de 1975 com o nome “Revista do Homem”, a Playboy só reformulou o nome em julho de 1978. Mesmo sendo destinada ao público adulto masculino, marcou uma geração de adolescentes que tiveram contato com o conteúdo da revista, que trazia celebridades femininas estampadas na capa de todas as edições. A Playboy configurou, para muitos jovens, seu primeiro contato com a sexualidade. A construção da masculinidade a partir da promoção da nudez feminina e objetificação dos corpos das mulheres são influências diretas na construção da sexualidade do público masculino, principalmente durante as décadas de 1980 e 1990. Em relação ao público feminino, muitas mulheres viam ideais de beleza e de corpos “perfeitos” estampados nas capas.

[...] a indicação de um conjunto de cuidados com beleza, que antes eram referidos apenas para o sexo feminino, a uma cultura que valoriza a promoção dos músculos, do corpo perfeito, da saúde e vitalidade, apresentando constantemente novas terapias, cirurgias, implantes e experimentos, capazes de revolucionar a corporalidade existente, tanto em mulheres como em homens. (GONÇALVES et al, 2002, p.4).

A edição da Playboy de dezembro de 1999 obteve o maior número de vendas no Brasil e estampava a modelo Joana Prado, “A Feiticeira”. Na capa, uma das chamadas intitulava-se: “A jovem romancista Fernanda Young diz como as mulheres gostam do sexo oral”, com a proposta de ensino aos homens do que fazer durante o sexo oral assegurada pela revista.

A revista Capricho, destinada ao público adolescente feminino, possuía em suas edições uma seção de uma página chamada “Sexo” onde as leitoras se manifestavam e tiravam dúvidas sobre temas relativos à sexualidade na adolescência, analisadas e respondidas por especialistas. A Capricho foi criada em 1952 pelo fundador da Editora Abril, Victor Civita e, ao longo dos anos, a faixa etária do público leitor passou de 16 a 20 anos para 12 a 19 anos de idade. Os três temas básicos da coluna “Sexo” eram relacionamento, relação sexual e saúde. As perguntas abordavam uma amplitude de assuntos desde a primeira relação sexual, qual o melhor lugar para fazer sexo, masturbação, sexo virtual até prevenção a gravidez. A revista desempenha, mesmo após o fim de sua versão impressa, agora através da versão online, o papel de educador sexual de meninas de todo o país, principalmente da região Sudeste (onde se concentram as leitoras) no início da adolescência, transformando e construindo padrões, ressignificações e olhares sobre si mesmas e sobre o outro.

Também a televisão tem sido objeto de diversos estudos, desde os anos 1980, que pretendem analisar a sua influência no comportamento das crianças. Tendo forte caráter normativo e formativo, influenciando diretamente nas escolhas individuais de crianças, jovens e adolescentes, a televisão brasileira tem como característica a grande quantidade de programas com conteúdo erótico, inclusive os destinados ao público jovem ou infantil, pautada em valores comerciais. Os modelos, papéis sociais e formas de ser apresentados por esses programas influenciam diretamente na construção da identidade e, conseqüentemente, da sexualidade desse público. Os programas televisivos - telenovelas e de auditório - podem interferir na conformação do imaginário de maneira profunda também pelo uso dos recursos visuais. Partindo do princípio que a classificação indicativa presente na grade dos programas na televisão aberta e fechada não fazem parte do processo de censura no interior das famílias e que o público adolescente tem acesso a maior parte da grade televisiva, o processo de socialização e identificação com valores e conceitos normatizadores é constante. Belloni destaca que “a televisão funciona como uma janela para o mundo dos adultos, apresentando às crianças e adolescentes formas estereotipadas dos valores, normas e modelos de comportamento socialmente dominantes” (BELLONI, 2001, p.39).

Além da criação de estereótipos relacionados a padrões corporais e estéticos, comportamento e formas de sexualidade, orientação sexual, além de estigmas presentes no imaginário de jovens e adolescentes, há, também, alguns exemplos de programas que se preocupam com a produção de informação relacionadas a temas como orientação sexual, sexualidade, liberdades individuais, saúde e cuidados com o corpo. Trata-se de uma abordagem direta, em forma de ficção (telenovelas) ou em programas de auditório, de questões que estão relacionados a esse momento de início da vida sexual ou de descoberta corporal e têm, como objetivo, educar esse público. Esse tipo de proposta está inserido no que podemos chamar de mídia-educação, que configura o uso da mídia em processos educacionais além dos padrões escolares (BELLONI, 2001).

A telenovela *Malhação*, da Rede Globo, estreou em 1995 e é considerada a primeira telenovela nacional dedicada a temáticas do universo adolescente. Até hoje, os principais assuntos abordados ainda são sexualidade, namoro, encontros, amizades e formação de identidade. De acordo com Coutinho (2008, p.5), “um modelo de amor romântico, a definição de papéis sociais de meninos e meninas, o consumo de bens simbólicos e materiais e a ratificação de um modelo de beleza, permeiam o programa”. Para além dessas representações, *Malhação* aborda diretamente a questão da sexualidade ao retratar momentos de descoberta

sexual, gravidez na adolescência e orientação sexual. Na edição do dia 7 de fevereiro de 2014, a “educação sexual na escola” é o tema posto em debate - pais e professores na novela discutiram se o sexo era um assunto que deveria ser tema de uma palestra escolar. Paralelamente a isso, as atitudes, escolhas e decisões das personagens adolescentes, ídolos do público, são retratadas na novela e se põe como “certo” ou “errado” para o espectador jovem, que se espelha e obtém informações de como se prevenir durante a relação sexual, o que fazer e como reagir a descoberta da sexualidade, a quem recorrer, entre outros.

O Altas Horas é um programa de auditório apresentado pelo diretor-geral Serginho Groisman. Desde 2000, o programa vai ao ar nas madrugadas de sábado para domingo na Rede Globo. A proposta do programa de entretenimento é aproximar o público jovem de debates presentes da esfera pública, de forma leve e descontraída. Composto pelo apresentador, uma plateia com jovens a partir de 16 anos e artistas convidados, todas as edições contam com música e comediantes, sem deixar de lado a informação, proposta também central no programa. Um dos seus quadros é o “Sexo com Laura Muller”. Muller é jornalista, psicóloga e educadora sexual e seu quadro no programa esclarece e tira dúvidas sobre o assunto sexo. A plateia é livre para fazer perguntas (geralmente o microfone passa por três jovens) após Serginho abrir para os convidados da edição, que sempre participam. É possível, também, enviar a dúvida através de vídeo pelo site, que é exibido durante o programa. O que se pode perceber desse quadro do Altas Horas é seu conteúdo especialmente direcionado à educação sexual de adolescentes. Nesse caso, não há o plano da ficção separando os conselhos, esclarecimentos e debates, mas uma tentativa do programa de ocupar o papel de educador sexual desse público específico, em um ambiente em que se sintam confortáveis para falar sobre o tema e expor suas inseguranças, experiências e dúvidas. É importante ressaltar a presença da sexóloga, uma especialista já legitimada e aceita pelo público telespectador.

Além desses exemplos pontuais, devemos também fazer referência às possibilidades criadas pela Internet, já que para muitas crianças, adolescentes e adultos, o primeiro contato a respeito de dúvidas, questionamentos, descobertas de si mesmo ou experiências que atribuem prazer se faz através das informações digitais. Um dos agentes que ganha cada vez mais espaço no cotidiano dos adolescentes é a pornografia na internet, através dos sites pornográficos. Não há dados que comprovam o quanto as crianças brasileiras estão, desde cedo, em contato com material pornográfico, mas segundo a Sociedade Irlandesa para a

Prevenção da Crueldade contra Crianças (ISPC), em tradução livre, crianças a partir de 6 anos de idade já têm acesso a conteúdo pornográfico na rede.

De acordo com Mikos (2017, p.29):

A aproximação de jovens à pornografia – compreendida, então, como um espaço de transgressão, de escape aos “nãos” – seria combatida à medida que uma “liberação sexual” operasse na escola: transcender o poder proibitivo equivaleria a dar lugar, no ambiente escolar, ao falar sobre o sexo.

A problemática do acesso à pornografia na adolescência diz respeito ao contato com o conteúdo pornográfico e o que ele pode estar ensinando. Modelos de masculinidade, comportamento e orientação sexual; padrões corporais; violência física e psicológica; agressões e humilhações relacionadas diretamente à desigualdade de gênero perpetuada; homofobia; racismo e preconceitos das mais diversas maneiras são reproduzidas na maioria dos vídeos, acessados por sujeitos em formação subjetiva e identitária.

4. PORNOGRAFIA E DESIGUALDADE DE GÊNERO

Neste capítulo, o consumo de pornografia na internet no mundo e no Brasil será descrito a partir de dados fornecidos pelo site Pornhub sobre todo o ano de 2016. A desigualdade de gênero e a representação da mulher na pornografia serão assuntos abordados a partir dos movimentos feministas e, então, relacionados com a estrutura do site e vídeos pontuais disponibilizados no site Pornhub no ano de 2017, a partir de uma análise qualitativa. O objetivo é revelar como são representadas as relações de gênero e a violência e objetificação da figura feminina na pornografia heterossexual em um dos maiores sites de compartilhamento de vídeos pornográficos do mundo. Serão apresentados, também, os “Termos de Compromisso” e o consumo desse material por adolescentes, indivíduos menores de 18 anos.

4.1 A pornografia na internet

A Enciclopédia Britânica define pornografia como “uma representação do comportamento erótico em livros, imagens, filmes, etc., com a intenção de causar excitação sexual”. (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA apud GUERRA et al, 2004). A pornografia está presente em vários veículos midiáticos e é recebida por diferentes públicos, de variadas idades, em situações e contextos distintos. Entretanto, essa definição de pornografia pode ser invalidada quando pensamos na diferença entre o que é, de fato, pornográfico, e o que é erótico.

Alguns filmes contêm cenas de sexo explícito e, mesmo assim, não são consideradas pornografia. O filme *Love* (2015), por exemplo, escrito e dirigido por Gaspar Noé, contém cenas de nudez completa e sexo explícito. Apesar, pela classificação indicativa, de não ser recomendado para menores de 18 anos, o filme não é considerado pornográfico e, sim, erótico, inclusive disponível em serviços de *streaming* em todo o mundo. Isso acontece porque, segundo Veiga (2015), o que diferencia pornográfico do erótico é o local e o modo como a obra é veiculada, e não especificamente o conteúdo.

A importância dada ao impasse entre o que é pornografia e o que é erótico, configura essa tentativa de marginalizar o conteúdo pornográfico, que ainda sofre marcas de censura. Podemos dizer que o ato de assistir a pornografia, hoje, na sociedade, envolve a discussão a respeito de intimidade e privacidade. Se não assistimos, não falamos sobre isso, se assistimos, escondemos. Apesar dos preconceitos, invisibilidades e restrições, a pornografia é uma das maiores indústrias da pós-modernidade e é consumida como material mercadológico,

movendo outras partes da indústria e economia em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, desde o século XIX, com os livros eróticos, passando pelas revistas, videocassetes e, hoje, os sites pornográficos.

O Pornhub é o 23º site mais popular do mundo e está na terceira posição em relação aos sites adultos, segundo lista¹¹ divulgada em setembro de 2017 pelo site Similar Web, que mensura o tráfego na Internet. Segundo dados divulgados pelo próprio Pornhub em janeiro de 2017 sobre todo o ano de 2016, 23 bilhões de visitantes acessaram o site, o que corresponde a 64 milhões por dia, ou 729 visitantes por segundo. Foram mais de 91 bilhões de vídeos assistidos, o que corresponde a 12,5 vídeos vistos por cada pessoa no mundo.



Figura 2. Acessos ao Pornhub.
Fonte: Pornhub 2016 Year in Review¹².

¹¹ Disponível em: <<https://www.similarweb.com/top-websites>> Acesso em: 12 nov. 2017.

¹² Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>>. Acesso em: 12 out. 2017.

Em relação ao volume de tráfego do site, o Brasil está em 10º lugar, abaixo apenas dos Estados Unidos, em primeiro lugar, seguido por Reino Unido, Canadá, Índia, Japão, França, Alemanha, Austrália e Itália.

As três categorias mais acessadas pelos brasileiros são “Anal”, “Lesbian” e “Teen”. A terceira categoria, “Teen”, é um aspecto importante a ser destacado, uma vez que a pornografia com atores ou atrizes menores de 18 anos no Brasil é ilegal, de acordo com os artigos 240 e 241 da lei nº 11.829¹³, do Estatuto da Criança e do Adolescente, de novembro de 2008 - criada para aprimorar a lei 8.069¹⁴, de 1990. Nesses artigos estão expressas as proibições de “produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente” e “vender ou expor à venda fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente”. É proibido, também, disponibilizar por qualquer meio ou armazenar registro que contenha cenas de sexo explícito envolvendo crianças ou adolescente, ou mesmo simular a participação dos mesmos por meio de alteração, edição ou montagem de cenas de sexo explícito ou pornográfica.

A palavra “puta” corresponde ao sexto termo mais procurado pelos brasileiros, revelando a forma pejorativa com que os visitantes se referem às mulheres ao procurar conteúdo sexual.

¹³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111829.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.

¹⁴ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 22 nov. 2017.



Figura 3. Dados Pornhub Brasil.
Fonte: Pornhub 2016 Year in Review¹⁵

A relação de idades também é disponibilizada pelo site. Apesar de a média dos visitantes do site ser de 35 anos, a maior porcentagem (31%) corresponde aos que têm 18 a 24 anos. Levando em consideração que o site não calcula a quantidade de pessoas menores de 18 anos, uma vez que o conteúdo é impróprio para essa faixa etária, pode-se assumir para essa análise que crianças e adolescentes que acessam o site se encaixam nessa categoria de idade, afirmando terem idade para visitá-lo. No Brasil, a maior porcentagem de visitantes por idade também se concentra na faixa etária entre 18 e 24 anos, ficando atrás somente da Índia, África do Sul, Filipinas, Polônia e Estados Unidos na proporção de acessos.

Outro aspecto interessante de ser destacado é o acesso ao site através do console de *games*. O acesso através do sistema operacional dos jogos online do videogame *Playstation*, da *Sony Computer Entertainment*, por exemplo, aumentou 13% em 2016, em relação ao ano de 2015. Considerando que os jogos são parte importante e ocupam um grande espaço do universo adolescente, principalmente masculino, de indivíduos de diferentes classes sociais, é possível identificar uma aproximação desse público aos sites pornográficos.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>>. Acesso em: 12 out. 2017.

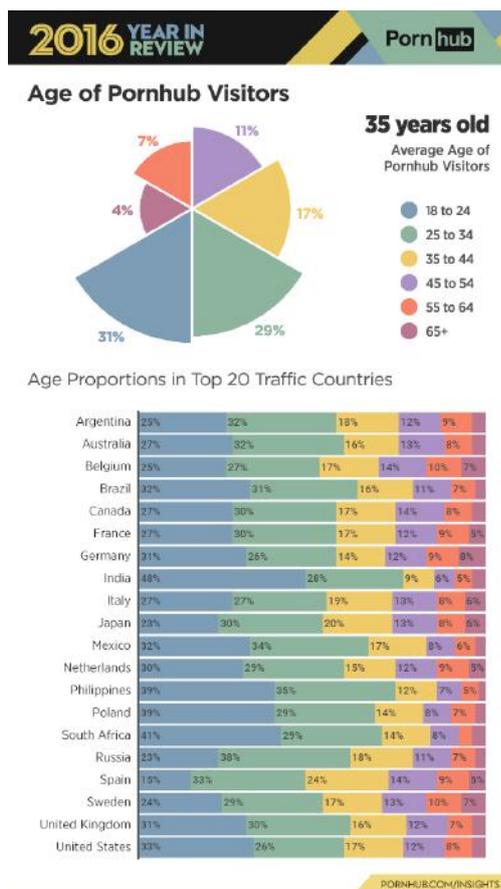


Figura 4. Idade visitantes Pornhub. Fonte: *Pornhub 2016 Year in Review*¹⁶.

A discussão sobre esse assunto é válida para esse trabalho devido ao consumo desse material pelos adolescentes. Apesar de o conteúdo erótico ou pornográfico disponível na internet, através de jogos online ou sites, não ser recomendado para menores de 18 anos, não há como prever ou regular o acesso de crianças e adolescentes a esse conteúdo. O Marco Civil da Internet¹⁷, aprovado em 2014 no Brasil, atribui a responsabilidade do controle ao acesso de menores de 18 anos ao conteúdo sexualmente explícito aos pais e responsáveis. De acordo com o artigo 29, os indivíduos podem instalar em computadores programas para o controle de conteúdo entendido como impróprio.

O projeto de lei 6.449/2016¹⁸, do deputado cristão e pastor Marcelo Aguiar (DEM), em trâmite na Câmara dos Deputados, “obriga as operadoras que disponibilizam o acesso à rede mundial de computadores, criarem sistema que filtra e interrompe automaticamente na

¹⁶ Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2016-year-in-review>>. Acesso em: 12 out. 2017.

¹⁷ BRASIL. Lei n° 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 24 abr. 2014. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-12965-23-abril-2014-778630-publicacaooriginal-143980-pl.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

¹⁸ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1506026>. Acesso em: 22 nov. 2017.

internet todos os conteúdos de sexo virtual, prostituição, sites pornográficos”. A justificativa do deputado é em relação ao risco aos quais os adolescentes estão expostos em relação ao vício em pornografia e à “facilidade de acesso à pornografia e o tabu que ainda envolve a sexualidade está transformando o pornô na base da educação sexual dos jovens de hoje, com uma série de efeitos indesejados”. Segundo ele, a intenção não é interferir no acesso dos adultos, mas dificultar o das crianças.

Tentativas de barrar e censurar a pornografia, como a citada, refletem a preocupação da uma parcela da sociedade a respeito do acesso de crianças e adolescentes ao conteúdo pornográfico disponível na internet. Essa preocupação tem origem na reflexão a respeito do que esse material pode estar influenciando ou causando nos jovens. Quais seriam as consequências do contato de menores de 18 anos, em fase de formação, constituição e referências identitárias, com esses tipos de vídeos? Mais do que isso: a pornografia reflete e reproduz maneiras de agir, preconceitos, estereótipos que podem estar ensinando aos seus visitantes como serem e pensarem, ou mesmo agindo sobre sua concepção de mundo, personalidades e maneira de olhar o outro?

Uma dessas influências diz respeito, em grande escala, à desigualdade de gênero perpetuada por esses vídeos pornográficos. A forma como a mulher é representada na pornografia e como a desigualdade de gênero perpetuada pela violência, agressão verbal e física e modos de representação da mulher na pornografia são percebidos e podem ser considerados aspectos do que está sendo aprendido por crianças e adolescentes que acessam ou já acessaram sites pornográficos de compartilhamento de vídeos, como o Pornhub, são os elementos a serem analisados neste trabalho.

4.2 Desigualdade de gênero e representação da mulher na pornografia

Pode-se definir desigualdade de gênero como o favorecimento dos papéis sociais de um dos gêneros atribuídos aos indivíduos hoje pela sociedade, homem e mulher - mesmo não sendo mais os dois únicos grupos de identificação possíveis reconhecidos - pela sociedade, a partir das diferenças sexuais. Sendo o gênero uma construção social, as características e papéis atribuídos a mulheres e homens são definidos pelo contexto social instaurado e a desigualdade entre os gêneros diz respeito à inferiorização do lugar da mulher nessa relação.

O patriarcado é um dos modelos que fundou a sociedade e é umas das bases que justifica a desigualdade de gênero.

Criada desde os primórdios da existência humana, a sociedade patriarcal vem perpetuando as formas básicas de papéis

dicotomizados e predeterminados entre mulheres e homens. Apreendido primeiramente nas famílias, o patriarcalismo criou crenças que influenciam os indivíduos na propagação de uma discriminação social e econômica em relação à mulher. (SOUZA & MILL, 2015, p. 61).

Daí a luta feminista para extinguir a desigualdade de gênero e conquistar direitos que coloquem a mulher em uma posição de igualdade em relação aos homens, econômica, social e politicamente. Por muito tempo a mulher foi categorizada como incapaz e com capacidade intelectual menor em comparação com os homens, o que pode ser explicado através de uma série de construções sociais e jogos de poder que mantiveram a imagem da mulher atrelada à condição de não poder de tomada de decisões por si mesma e conquista da independência. Portanto, a compreensão da identidade feminina é fundamental para resgatar a subjetividade da mulher e seus espaços na sociedade, em todas as partes do mundo.

A pornografia na internet configura-se como um dos espaços de reprodução e perpetuação dessa desigualdade de gênero, de diferentes maneiras. Agressão física e verbal contra mulheres, objetificação corporal, figuração da mulher na posição de obediência, o prazer sexual centrado somente no homem (como nas cenas em que o foco é totalmente voltado para a ejaculação masculina) e o papel de coadjuvante da mulher são características marcantes das cenas principais de muitos vídeos - por vezes, os mais vistos - disponíveis nos sites pornográficos.

Parte do movimento feminista antipornografia, inaugurado pelas feministas Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin, nos Estados Unidos, de acordo com Silva (2013), considera a censura a essa desigualdade de gênero na pornografia crucial para o seu combate, uma vez que a alienação da mulher a respeito da sua própria sexualidade pode ser a máxima do seu silenciamento e da perpetuação sistêmica das desigualdades de gênero. Entretanto, não se pode confundir essa censura com a da Igreja, que proibiu livros eróticos nos séculos XIX e XX. Enquanto a religião queria regular genericamente o conteúdo sexual e a sua expressão, o feminismo visa a censura apenas às categorias pornográficas que perpetuam a desigualdade entre os gêneros e a objetificação ou violência contra a mulher (SILVA, 2013).

Em 1984, o grupo *The Feministe Anti-Censorship Taskforce* (FACT) foi criado para opor-se à antipornografia e basearam seu argumento principal na liberdade de expressão e no argumento de que a pornografia pode ser libertadora para as mulheres, trazendo benefícios para a luta feminista, como afirma uma das integrantes do grupo:

A existência da pornografia serviu ao questionamento dos costumes sexuais, para colocar em ridículo a hipocrisia sexual e para destacar a importância das necessidades sexuais. A pornografia porta outras mensagens que não o

ódio às mulheres: ela promove a aventura sexual, o sexo fora do casamento, o sexo motivado unicamente por prazer, o sexo casual, o sexo anônimo, o sexo grupal, o sexo voyeurístico, o sexo ilegal, o sexo público. (DUGGAN et al apud SILVA, 2013, p. 155)

Já o movimento feminista antipornografia ainda se mantém com argumentos que vão desde os grandes desgastes emocionais causados às mulheres que assistem a pornografia abusiva - a pornografia que contém violência física ou moral a figura feminina - até os prejuízos que a mulher pode sofrer na esfera pública, como, por exemplo, a dificuldade de conseguir um emprego, enquanto a imagem da mulher é representada de forma inferiorizada ou degradante na pornografia. Todas essas questões ainda são rebatidas por liberais, que alegam que não há consistência suficiente para barrar a liberdade de expressão na produção de vídeos e filmes e justificar a censura da pornografia (SILVA, 2013).

O ponto que está no seio do debate atual é a possibilidade - ainda não comprovada - da pornografia estar influenciando o comportamento machista e agressivo nos homens, o que pode estar aumentando casos de estupro e agressão na sociedade. Apesar de ainda não comprovada, pesquisas a esse respeito trazem para a discussão a questão central deste trabalho: o conteúdo pornográfico pode estar ensinando a homens e mulheres, ainda na fase adolescente, maneiras de agir e gerando impactos na sua identidade e concepções a respeito da desigualdade de gênero e da representação da imagem da mulher na sociedade?

Segundo D'Abreu (2013, p.593), “a forma mais grave de representação da desigualdade de gênero aparece na pornografia através da violência contra a mulher”. Em 2010, um estudo analisou o conteúdo de 304 cenas de vídeos pornográficos mais populares. Os resultados indicaram que 88% das cenas apresentavam agressão física e 49% agressão verbal. As formas de violência mais comumente observadas foram espancamento (75%), engasgos durante a prática de sexo oral no homem (54%), insultos (49%), tapas (41%), puxões de cabelo (37%) e sufocamento (28%). Os perpetradores eram homens em 70% dos casos, e em 94% dos casos, as mulheres eram o alvo da agressão. (BRIDGES et al apud D'ABREU, 2013).

Dessa forma, mulheres sofrendo violências físicas e verbais são comuns nos vídeos pornográficos. Isso se deve ao fato de que a pornografia heterossexual tem como foco o prazer do homem, com a figura feminina esquecida e em segundo plano, completamente desvalorizada. Na pornografia homossexual de mulheres, as posições, movimentos e enredos cinematográficos também são centrados no que o homem quer ver e ouvir. Mas, de acordo

com Carvalho e Leda (2016), a pornografia é para os homens porque foi sempre somente a eles autorizado e essa desvalorização da mulher não é surpreendente:

O medo da descoberta do prazer feminino é compreensível. Descobrir o prazer do corpo está ligado à uma postura - política e ideológica - na qual a mulher é dona de si e uma vez neste lugar, toda a relação de poder entre os gêneros precisaria ser reconsiderada e ressignificada. Além disso, a vagina é um órgão portador de uma capacidade de prazer imensurável e permitir à mulher sentir prazer é dar à ela autonomia de si, autonomia de seu próprio corpo. (CARVALHO & LEDA, 2016, p. 7)

Algumas categorias - presente em alguns dos sites pornográficos com maiores acessos hoje no Brasil, como o XVideos e o Pornhub - no interior dos sites são endereçadas às mulheres, com o título de “Para mulheres”, por exemplo. Entretanto, além da constatação que, se para existir uma categoria de vídeos em meio a todas as outras destinada às mulheres, todo o restante do conteúdo é feito para os homens, essas categorias apresentam um conteúdo estereotipado que dita o que as mulheres gostariam de ver, ou seja, qual tipo de pornografia e performance sexual agrada o público feminino.

Em contraste com essa exclusão do público feminino da pornografia, de acordo com o relatório anual divulgado pelo site Pornhub em 2016, o Brasil está em segundo lugar em relação a maior porcentagem de mulheres que assistiram os seus vídeos. Ao analisar os visitantes brasileiros, constatou-se que 35% é composto por mulheres. Não muito distante desse número, a porcentagem de mulheres que assistiram vídeos pornográficos do Pornhub no ano de 2016 corresponde a 26%, o que equivale uma estimativa de 6 bilhões de visitas femininas.

A representação da mulher nos sites pornográficos perpassa uma série de preconceitos e estereótipos. As conquistas das mulheres nos âmbitos profissionais, econômicos e sociais ao longo dos últimos anos se chocam com a imagem da mulher violentada e vista como objeto de diversas maneiras na pornografia. É possível dizer que a pornografia representa, muitas vezes, um espaço de inferiorização e ridicularização da mulher que não passa pelos filtros políticos, morais e legais.

Mulheres usando fantasias infantilizadas, em posições de obediência e servidão, ou interpretando profissões que representam subserviência refletem como a exposição do corpo feminino e a representação do mesmo podem fazer parte da constituição de diferentes identidades que querem ser transmitidas nos vídeos. As múltiplas identidades do sujeito, como nos apresenta Hall (2006) - identidades de gênero, sociais, gênero e etnia e classe - estão presentes e confluem em um mesmo vídeo pornográfico, com base na feitichização do

que é ser mulher, na objetificação corporal e em uma série de preconceitos, que atravessam a discriminação racial e a desigualdade de gênero.

Para dar materialidade a algumas das discussões que desenvolvemos neste subitem, no item seguinte analisaremos de maneira breve o site Pornhub. O objetivo é exemplificar a desigualdade de gênero presente na pornografia.

4.3 Pornhub: a representação das relações de gênero na pornografia heterossexual

A análise do site Pornhub será feita a partir da divisão de categorias do próprio site, palavras-chaves utilizadas e vídeos selecionados. O Pornhub é um site estadunidense de compartilhamento de vídeos pornográficos e possui versões em vários países, incluindo o Brasil. Além disso, o site também oferece vídeos para serem assistidos ao vivo, um gerador de *gifs* a partir dos vídeos e o “Transe Agora”, que direciona o usuário ao “Adult Friend Finder¹⁹”, um site de relacionamentos.

É possível acessar o site como convidado, assinar gratuitamente ou obter o “Pornhub Premium”. A adesão gratuita permite transferir e carregar vídeos, adicionar vídeos aos favoritos, publicar comentários, enviar mensagens aos membros e criar listas de reprodução. Já a adesão *premium*, além dessas vantagens, oferece conteúdo exclusivo, transmissão mais rápida, opções de maior qualidade nos vídeos e ocultamento dos anúncios do site. Há, também, um fórum de perguntas e uma comunidade da qual o visitante pode fazer parte, garantindo-se a privacidade e o anonimato.

Em nenhum momento é necessário que o visitante ou membro informe sua idade. Ao entrar no site, não há qualquer declaração que faça o usuário comprovar a maioridade para descobrir outros participantes, enviar mensagens e visualizar os vídeos adicionados por cada um. A grande maioria dos membros utiliza nomes falsos, evidenciando a importância dada à privacidade do acesso ao conteúdo pornográfico explícito disponibilizado. Apenas se optar pelo registro no site, o usuário declara concordar com os “Termos e Condições”²⁰, que diz que se o mesmo ainda não tiver alcançado a maioridade vigente em seu país de origem, não é permitido disponibilizar informações pessoais ou mesmo usar o site, além de declarar que a lei vigente de onde está acessando o site permite a visualização de conteúdo sexualmente explícito.

¹⁹ Disponível em: <<https://adultfriendfinder.com/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

²⁰ Disponível em: <<https://pt.pornhub.com/information#terms>> Acesso em: 12 nov, 2017.

O site é dividido em pornografia heterossexual e homossexual. O centro desta análise está na pornografia heterossexual, uma vez que o objetivo é perceber e caracterizar as relações e papéis de gênero que constroem desigualdade em pontos específicos do site. A pornografia heterossexual é o espaço onde se constitui maior concentração de estigmas e estereótipos, uma vez que a cultura machista se concentra na relação homem e mulher e no que é percebido como papéis sociais de ambos na sociedade, sendo, portanto, escolhida como foco dessa análise.

Os vídeos de pornografia heterossexual do Pornhub são divididos em categorias. Listadas em ordem alfabética, a primeira da lista é “Adolescentes”, mesmo sendo a utilização de imagens de crianças e adolescentes em materiais de conteúdo erótico ou explícito proibidas no Brasil pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, através de legislação já mencionada neste trabalho. É importante destacar que grande parte da divisão de categorias está centrada na feiticização ou em características corporais da mulher, evidenciando a objetificação corporal e a sexualização do corpo feminino, o que não acontece em relação aos homens. “*Babysitter*”²¹, “Loiras”, “Maduras”, “Miúdas”, “Morenas”, “Negras”, “Peitos pequenos”, “Peitos grandes”, “Gordas” e “Ruivas” são categorias que revelam como a pornografia ainda está centrada, principalmente, no público masculino e no distanciamento do valor do ato sexual e no direcionamento da busca para estereótipos e padrões de beleza femininos.

Uma das categorias é a “Feminino” - essa é a única endereçada ao público feminino. Além do fato de só haver uma categoria destinada ao público feminino, há uma espécie de determinação do tipo ou estilo de pornografia demandado pelas mulheres. Não é possível identificar quais critérios são utilizados para a escolha dos vídeos dessa categoria, mas é possível perceber que os vídeos dessa área do site não contêm violência e a grande maioria das cenas tem como foco o prazer feminino, e não a ejaculação masculina.

A categoria que mais chama atenção é a “Sexo Brutal”. Aqui, é possível visualizar vídeos de diferentes sites pornográficos como fontes, compartilhados através da rede de compartilhamento do Pornhub. Puxões de cabelo, simulação de enforcamentos, tapas, amarrações e até mesmo encenações do ato de estupro são encontradas nessa categoria. Mulheres gritando ou chorando de dor são recorrentes nos 20 vídeos mais visualizados no Brasil nessa categoria. Em todos eles, é sempre a mulher que está em posição de obediência, submissão e de objeto de prazer do homem, sofrendo humilhações verbais em 18 dos 20 vinte vídeos.

²¹ Babás – tradução nossa.

Segundo Carvalho e Leda (2016, p.10):

A objetificação atribuída à mulher dentro da narrativa desse gênero é velada como natural, o feminino como sujeito dessa construção audiovisual é levado e conduzido à submissão e, por vezes, servidão. Existe um processo de identificação por uma parte e condução por outra. O homem se identifica como sujeito e a mulher, por vezes, são conduzidas a assumir aquele papel de submissão em sua vida sexual vivida.

O site que mais aparece como fonte dos vídeos na categoria “Sexo Brutal” é o *Punishteen.com*²², onde adolescentes aparecem sendo violadas, humilhadas e “punidas”. No vídeo “Adolescente loira é boa puta”²³, no Pornhub, a cena simula uma adolescente que é coagida a fazer sexo contra a sua vontade, tem sua boca tampada com um pano e suas mãos fortemente amarradas, enquanto chora de dor durante o ato sexual. O ápice do vídeo é o momento em que seu pescoço é amarrado, e o homem a força a realizar um movimento sexual, ejaculando em seu rosto.

Fica claro, nos vídeos disponibilizados nessa categoria, o estímulo ao sexo não consensual e violento e a pedofilia. Além disso, a subserviência da mulher, que aparece puramente como provedora de prazer ao homem. No vídeo *Interracial gangbang of skinny white BDSM slut tied up for facials*²⁴, uma mulher é amarrada, vendada e penetrada por dois homens ao mesmo tempo, enquanto um terceiro observa, se masturbando. A figura da mulher é de total impotência, como se fosse literalmente um objeto de prazer. Ela não fala ou realiza qualquer movimento que não seja em relação à oferecer prazer aos dois homens na cena, além de sofrer violência física. Aqui também é possível identificar as relações de diferentes etnias. São três homens negros e uma mulher branca, o que é possível identificar antes mesmo de visualizar o vídeo, já logo em seu título. Dentre os mais de 400 vídeos, há, também, muitas referências a graus de parentesco - representações de sexo entre irmãos e pais e filhas.

Nos “Termos e Compromissos” do site, o Pornhub se isenta de responsabilidade do conteúdo. Concordando com os termos, o usuário assume a responsabilidade por todo e qualquer conteúdo que encontra ou disponibiliza e o site não controla o conteúdo disponibilizado ou se responsabiliza por qualquer tipo de reclamação a respeito do mesmo. O Pornhub também se isenta do compromisso de rever o conteúdo previamente a ser postado no site ou posterior remoção.

²² Disponível em: <<http://ipunishteens.com/>> Acesso em: 12 nov, 2017.

²³ Disponível em: < https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=1468039121/> Acesso em: 12 nov, 2017.

²⁴ Disponível em: < https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph59b967a72dec6 > Acesso em: 12 nov, 2017.

Ao inserir a palavra *abusive*²⁵ na busca de vídeos do site, o primeiro vídeo recomendado tem o título de *Milf brutally force fucked, choked, slapped and verbally abused*²⁶. No vídeo, um homem usa da força física para fazer uma mulher permanecer na cama, enquanto ela revida, tentando se soltar. Toda a extensão da relação sexual entre os dois acontece com ele obrigando a mulher a realizá-la, com o uso da força, agressão verbal, enforcamentos, tapas e amarrações. Pode-se dizer que é a simulação de um estupro. É interessante destacar, também, o fato de que a câmera sempre se posiciona em função de dar enfoque ao prazer masculino. Além disso, comum em muitos vídeos pornográficos dentro e fora no Pornhub, a valorização da ejaculação masculina sobre a face da mulher, tornando-se o *clímax* (o ponto central) da produção pornográfica. A posição da mulher nesse tipo de vídeo que contém atos violentos é sempre de subserviência e subordinação em relação à figura masculina. No resultado da procura da palavra *abusive*, um dos principais sites de vídeos compartilhados no Pornhub é o *Abuseme.com*²⁷. O site contém vídeos com simulações de estupro (cenas de roubos domiciliares, por exemplo, que resultam no estupro da mulher).

A observação de um site de compartilhamento de vídeos pornográficos como o Pornhub fornece dados que comprovam a desigualdade de gênero na pornografia em uma amostra da Internet. As simulações de estupro não são estupros verdadeiros, mas contém violências reais. O objetivo deste trabalho não é problematizar a existência da pornografia ou a posição das atrizes pornográficas moralmente e fisicamente violadas, mas sim entender em que ponto isso pode afetar a visão do adolescente sobre si mesmo, sobre o homem e sobre a mulher, através da visualização desse tipo de relação heterossexual perpetuada nos vídeos. Em processo de início da vida sexual e afetiva, até que ponto a visão acerca da mulher e das relações de gênero podem influenciar a constituição do que o adolescente é e como ele se enxerga? A identidade feminina é problematizada pelos adolescentes que consomem pornografia?

Segundo Veiga (2015, p.17), “as representações das mulheres na pornografia são complexas e polifônicas, muitas categorias identitárias podem ser tensionadas em um único vídeo”. Os meninos e meninas na fase da adolescência enxergam a identidade feminina diferentemente após consumirem pornografia e encontrarem o choque ou a confirmação de uma visão que tinham sobre as mulheres do próprio convívio social? A performance e os

²⁵ Abusivo – tradução nossa.

²⁶ “Madura brutalmente forçada a transar, insultada, agredida e verbalmente abusada” – tradução nossa. Disponível em: < https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph595dc7df015ba > Acesso em: 12 nov. 2017.

²⁷ Disponível em: <<http://abuseme.com/>> Acesso em: 12 nov. 2017.

limites da representação da realidade nas cenas exibidas, sendo a pornografia um espaço que pode configurar um lugar que ensina, podem não estar claros no imaginário adolescente e impactá-los de diferentes formas.

5. O PAPEL EDUCATIVO DA PORNOGRAFIA

O potencial de ensino e de lugar retentor de informação da pornografia na internet será apresentado nesse capítulo. A série *Big Mouth*, que aborda o primeiro contato dos adolescentes com a pornografia e as mudanças hormonais associadas aos adolescentes, meninos e meninas, será descrita no começo do capítulo. Então, para ilustrar e comprovar que os adolescentes estão consumindo pornografia; que podem estar aprendendo algo nesse contato com material sexualmente explícito na internet; e que o mesmo pode estar influenciando na constituição de suas identidades, ou seja, como enxergam a si mesmos, o outro e as relações de gênero na sociedade, bem como sua visão sobre as mulheres, será feita a análise quantitativa e qualitativa de um questionário, disponibilizado online, com respostas de adolescentes com idades entre 13 e 18 anos. Por fim, será apresentada a estrutura do site Pornhub Wellness Center, do mesmo grupo do site Pornhub, que se propõe a oferecer uma educação sexual online para todas as pessoas, como uma nova tendência da educação sexual, integrada e produzida por sites pornográficos, presente no ambiente online.

5.1 A pornografia e o seu potencial de ensino

O consumo de pornografia na internet pode conter diferentes intencionalidades. São diversas as razões pelas quais homens e mulheres consomem pornografia, o que procuram ou esperam encontrar nos sites e como isso está atrelado aos benefícios e consequências do acesso a esse tipo de conteúdo. Em um estudo realizado em 2004 com 336 homens e mulheres de diferentes idades e classes sociais, 39% afirmaram consumir pornografia, sendo 77,8% destes declarados serem do sexo masculino, com média de idade de 22 anos. Os participantes que se identificaram como homens revelaram que utilizam esse tipo de material pornográfico com duas finalidades principais: “obter informações sobre sexualidade” (55,8%) e “ter mais fantasias sexuais (50%) (GUERRA et al, 2004). As respostas afirmativas em relação à procura por informações sobre sexualidade chamam atenção para o fato de que há procura pela pornografia como um lugar que pode ensinar determinados valores, ações ou comportamentos.

É a partir dessa constatação que se torna necessário o questionamento sobre o espaço - e, conseqüentemente, qual o tamanho desse espaço – que a pornografia pode ocupar na educação sexual e na constituição identitária de homens e mulheres. Além disso, quais os riscos para o indivíduo e para a sociedade dos padrões disseminados pela indústria pornográfica existente em larga escala e livre acesso na internet atualmente. A razão para essa

procura por esclarecimentos na pornografia pode estar diretamente relacionada a não ocupação da condição de responsáveis pela família e a escola na vida de diferentes sujeitos, principalmente aqueles com condições de acesso precários à informação, mas não somente. A religião também exerce enorme influência no não-diálogo entre sujeitos sobre assuntos relacionados à sexo e sexualidade, assuntos considerados tabus. De acordo com Pinto et al (2010, p.275):

Em realidades socioculturais onde a mais básica educação sexual é ainda uma potencial fonte de embaraços institucionais e familiares, a aquisição permanente de canais pornográficos é dificilmente legitimada nos discursos hegemonicamente partilhados em família, se não até informalmente interdita em alguns contextos sociais, políticos e religiosos.

Os adolescentes, sendo parte da parcela da população que consome materiais pornográficos, estão sujeitos, também, a procurar na pornografia respostas para questões sexuais e às influências e riscos que a mesma oferece em suas concepções sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo. Segundo Owens (2012, tradução nossa), sendo a adolescência uma fase que envolve uma multiplicidade de dimensões no indivíduo - física, emocional, cognitiva, social, espiritual e sexual -, os adolescentes podem ser considerados os mais suscetíveis a se tornarem espectadores de materiais sexualmente explícitos.

Estudos internacionais foram feitos a respeito desses possíveis riscos aos quais crianças e adolescentes estão expostos pelo acesso da pornografia na internet. Owens et al (2012, tradução nossa) diz que tais estudos, coletivamente, sugerem que a pornografia pode deflagrar a afirmação de valores e crenças sexuais irreais. A produção cinematográfica e a constituição da cena como algo fictício pode ter impactos reais na vida dos adolescentes e influenciar seu cotidiano, que vai além das montagens e edições dos filmes pornográficos. A grande maioria dos vídeos, em seu roteiro e edição, do Pornhub, por exemplo, situam a mulher em posição sempre inferior ao homem, o que demonstra um aspecto das relações entre mulheres e homens que podem ser interpretadas e trazidas para a realidade dos adolescentes. As cenas podem ser fictícias, mas os valores e comportamentos perpetuados possuem um propósito que está diretamente relacionado ao público que assiste a esse tipo de conteúdo.

A relação sexual de enorme duração e exaustiva (que acontece na pornografia por meio do consumo de remédios pelos atores do sexo masculino, para que a ereção dure vários minutos e até mesmo horas); o padrão corporal de homens e mulheres da maioria dos vídeos; a performance de dominação masculina sobre a feminina; a penetração como o ápice da relação sexual heterossexual, com a conseqüente desvalorização de outros momentos da relação sexual - tudo isso são construções da produção das cenas na pornografia na internet

que chegam até o adolescente como possíveis verdades e são incorporados por eles de diferentes maneiras e com graus de influência distintos, agindo sobre seu imaginário e acompanhando-o durante a formação de suas identidades e, muitas vezes, durante toda a sua vida sexual.

A desigualdade de gênero é um desses aspectos que são assimilados por meninos e meninas de diferentes maneiras durante a adolescência, que encontram na pornografia um lugar de prazer e, ao mesmo tempo, de desconforto, curiosidade, informação e descoberta da afirmação de papéis sociais e sexuais construídos socialmente, por uma sociedade que se revela, em sua grande maioria, machista, misógina e racista. A grande maioria dos vídeos encontrados em sites de compartilhamento, como o Pornhub, é uma amostra de preconceitos enraizados na sociedade, contido na expressão mais profunda da nossa intimidade: o sexo.

Portanto, ao mesmo tempo em que a pornografia ainda é marginalizada e condenada por diferentes instituições - assim como o diálogo a respeito dos assuntos sexo, sexualidade e descobrimento do próprio corpo (como a masturbação) -, por outro lado, é um importante agente de transmissão de valores e informações, que está presente e agindo diretamente no imaginário de crianças e adolescentes que têm acesso a ela. O descobrimento do próprio corpo, por exemplo, muitas vezes, não acontece em casa, mas através do outro, na pornografia. A valorização do próprio corpo e sentimentos são transferidos ao reconhecimento dos padrões de normalidade presentes nesses materiais.

Big Mouth é uma série de animação norte-americana criada por Jennifer Flackett, Mark Levin e Andrew Goldberg e produzida pela rede de serviços de streaming e produtora Netflix. A comédia retrata a vida de um grupo de adolescentes (Nick, Andrew, Jay, Jessi e Missy) que está passando pela fase da puberdade. Masturbação, mudanças corporais, menstruação e contato com a pornografia são alguns dos temas abordados por essa produção que, além de cômica, configura importante crítica a assuntos que são considerados tabus na adolescência, mas que fazem parte do cotidiano desses jovens. Uma série de discussões são trazidas à tona, desde a descoberta da sexualidade até casos de estupro na adolescência.

A série contém um personagem que representa os hormônios e os pensamentos dos adolescentes, em especial Andrew, em relação a assuntos como sexo, tamanho do pênis, atração sexual pelo outro e erotização de pessoas e coisas, que começam a aparecer - o “Monstro Hormonal”. A crítica também está na revelação, através das famílias dos adolescentes, do despreparo para o diálogo sobre os temas que abordam sexo, sexualidade e corpo. O mais interessante do programa é a sua representação gráfica que demonstra, sem

censura e de forma irônica e sarcástica, tudo que faz parte do universo adolescente e que a sociedade, muitas vezes, não traz para a discussão pública.

Com estreia em 29 de setembro de 2016, está em sua primeira temporada e os títulos dos episódios são “O milagre da ejaculação”, “Todo mundo sangra”, “Sou gay?”, entre outros. O último episódio da temporada tem como nome “Porniverso” e conta a história de um dos adolescentes, Andrew, que se descobre “viciado” em pornografia. Em “Porniverso”, o personagem Andrew tem seu primeiro contato com a pornografia através de uma fita cassete que seu amigo o apresenta, depois de sua namorada do colégio, Missy, terminar o namoro com ele, na tentativa de reanimá-lo. O adolescente fica fascinado com as imagens, antes só vistas nas revistas. Logo depois, o “Monstro Hormonal” o apresenta à pornografia na internet, configurando uma cena interessante no episódio, em que o monstro faz um panorama, ironicamente, de como a pornografia sempre esteve presente na humanidade, desde as pinturas rupestres paleolíticas até a pornografia na internet.

Andrew, então, entra em um site pornográfico, onde vivencia uma situação comum entre os adolescentes: o pedido de confirmação de maioridade para a visualização dos vídeos, e recua. Mas o “Monstro Hormonal”, a personificação dos hormônios do seu corpo nessa fase da puberdade, o estimula a prosseguir. O personagem, então, fica mais estimulado ainda a assistir os vídeos, porém confuso com o aparecimento, em sua mente, enquanto os assiste, da sua namorada no colégio. Para apagar a imagem dela de sua mente, ele passa a madrugada inteira assistindo aos vídeos, dos mais diferentes estilos e categoria - dos mais comuns aos mais inusitados - e, então, acha que está viciado em pornografia.

No dia seguinte, na escola, o personagem passa a erotizar tudo o que o cerca, inclusive sua professora, o que o faz passar por uma situação constrangedora durante a aula. A partir desse dia, Andrew procura, de qualquer forma, em todos os seus tempos livres, assistir aos vídeos na pornografia, compulsivamente, até que é “teletransportado” para um mundo feito dos vídeos que assiste, onde ele é o “rei do sexo”. Sua namorada do colégio é um ser proibido nesse novo mundo e pensar nela pode destruí-lo. Isso preocupa seu melhor amigo, Nick, que vai em busca do amigo.

Um diálogo interessante entre os dois nesse novo mundo, que revela a tentativa de fuga da realidade e a busca por conforto na pornografia, é quando Nick tenta convencer Andrew de que ele não pode viver lá para sempre:

N - “Andrew, esse não é você. Você não é um cara tarado, é um cara gentil. Você não gosta de tudo isso, gosta da Missy”.

A - “Não. O mundo lá fora é muito doloroso. Ninguém pode me ferir aqui.”

N - “Mas isso não é real”.

A - “Para mim é, Nick.”

Big Mouth, portanto, é uma série de comédia que aborda assuntos delicados na sociedade que estão inseridos no universo adolescente, desde os primeiros anos dessa fase. A temática da pornografia fecha a primeira temporada revelando todos os possíveis medos e descobertas que podem acompanhar o primeiro contato do adolescente com esse tipo de material, de forma irônica e sarcástica, além da percepção de uma linha tênue que separa o que o adolescente pode considerar o mundo real e o mundo virtual, quando se trata de um veículo de visualização e interação midiática, como a internet. Mas, principalmente, embutida de uma crítica social em que as mudanças pelas quais o adolescente passa não estão inteiramente inseridas no discurso social ou escolar.

Questões sobre as identidades sexuais e de gênero também estão presentes na série, no episódio 3, “Sou gay?”, em que o personagem Andrew se masturba pensando em um homem e, automaticamente, começa a pensar que é gay. A partir disso, ele passa a agir com referências a uma série de estereótipos que rodeiam o sujeito homossexual, com o objetivo de atribuir essa identidade, ou seja, essa identificação com as características físicas, emocionais e comportamentais de um grupo que se identifica como gay na sociedade, a ele mesmo.

Pode-se dizer que é uma tentativa de ilustrar o que não é dito por eles pela falta de espaço na sociedade para que sejam e se percebam como sujeitos sexuais, sexualizados e que carregam, na adolescência, questionamentos em relação, principalmente, às identidades sexuais e familiares durante esse processo. A série fomentou o debate social a respeito do que é adequado que seja transmitido aos adolescentes e se está incentivando a “sexualização” de crianças e promovendo a pornografia. Antes mesmo de seu lançamento na Netflix, em 20 de setembro de 2016, foi criada uma petição²⁸ online para o cancelamento de *Big Mouth* e sua consequente retirada do ar, que conta com mais de 114 mil assinaturas até o momento. Os idealizadores da petição alegam que a série é vulgar e indecente, apresentando uma versão vulgar representativa da puberdade.

“Porniverso”, o último episódio da primeira temporada da série, finaliza com um diálogo entre o “Monstro Hormonal”, Andrew e Nick, que ironiza tais críticas:

M.H. - “[...] um dia vocês vão se lembrar dessa época com carinho. Talvez até tirem alguma coisa linda dela.”

²⁸ Disponível em: <<http://www.citizengo.org/pt-pt/node/92875>> Acesso em: 12 nov, 2017.

A - “O quê? Um programa sobre crianças se masturbando?”

N - “Isso não é pornografia infantil?”

E o monstro finaliza, olhando para os telespectadores: “[...] eu espero que não! Se for animado, podemos nos safar”.

5.2 O que os adolescentes estão aprendendo: análise do questionário

Para ilustrar e comprovar, a partir de uma amostra de adolescentes, que os mesmos estão assistindo pornografia e que ela pode ocupar um papel de orientação e causar impactos em suas próprias identidades e na percepção acerca das mulheres (e, conseqüentemente, em relação à desigualdade de gênero), foi disponibilizado um questionário *online*, de forma anônima e sem qualquer requerimento de identificação dos participantes.

O questionário foi disponibilizado de maneira não orientada ou segmentada através de divulgação na internet e, em três dias, recebeu 364 envoltimentos, sendo 215 respostas de indivíduos adolescentes, foco do questionário. É interessante e relevante para este trabalho destacar a enorme aderência e interação do público em relação à pesquisa. Após apenas três dias foi necessário impedir a aceitação de respostas, uma vez que não haveria tempo hábil para analisá-las, o que revela a vontade e a preocupação desta parcela da sociedade e o engajamento por parte de adolescentes em relação ao tema proposto.

Para seguir após a primeira pergunta, de solicitação do informe da idade, o participante só conseguia visualizar o restante se declarar ser menor de 18 anos. Dos menores de 18 anos, que se incluem na fase da adolescência, 51,8% possuem de 16 a 18 anos (n=191), 5,7% possuem entre 13 e 15 anos (n=21) e 3 participantes são menores de 13 anos.

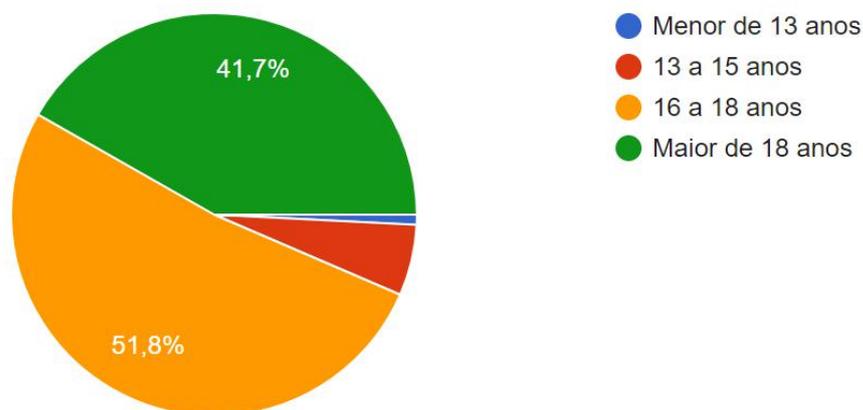


Figura 5. Gráfico da relação de idades.
Fonte: Google Formulários.

As próximas duas perguntas, objetivas, foram formuladas a partir da necessidade de conhecer o sujeito participante: com qual gênero ele se identifica e se assiste pornografia na internet, obtendo 216 respostas em cada questão. Dos adolescentes, 65,5% se declararam do gênero feminino (n=141), 33% do gênero masculino (n=71), duas pessoas se declararam *queer*, enquanto uma delas, nenhuma das outras opções. Metade dos adolescentes afirmaram assistir pornografia na internet.

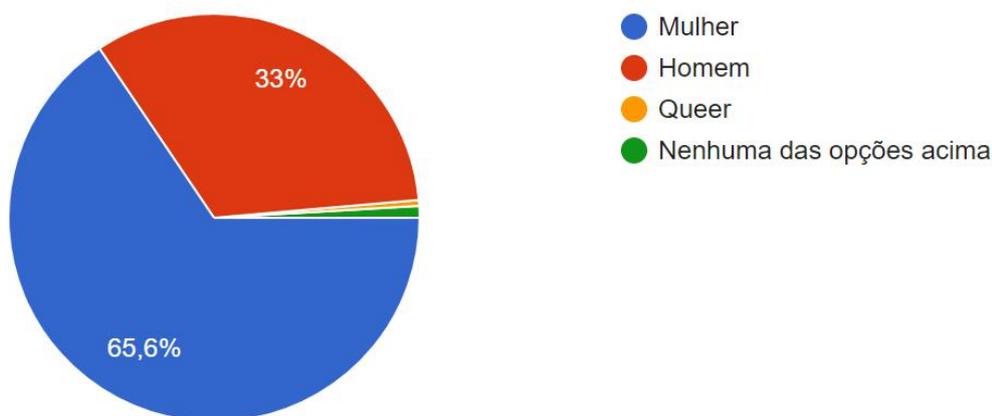


Figura 6. Gráfico de identificação de gênero.
Fonte: Google Formulários.

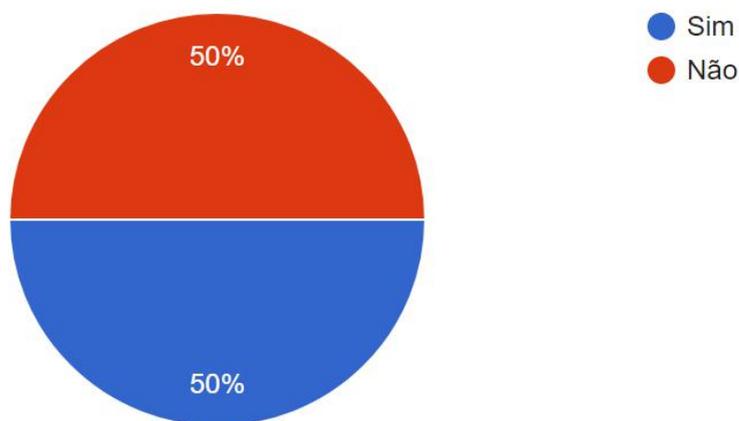


Figura 7. Gráfico do contato com a pornografia.
Fonte: Google Formulários.

A partir da opção positiva a respeito do contato com pornografia na internet, o adolescente tem a opção de continuar respondendo as questões. As duas próximas perguntas, discursivas, são em relação às expectativas do sujeito ao encontrar a pornografia e o que ele realmente encontra nos sites pornográficos. Foram 108 respostas nessas duas questões.

Sobre o que eles esperam encontrar nos sites pornográficos, “prazer” é a resposta que apareceu mais vezes, contabilizada 13 vezes, sendo 12 dessas respostas, por meninos. Logo

depois, “vídeos” e “sexo”, contabilizando quatro vezes cada. Enquanto as respostas do público masculino foram, em sua maioria, relacionadas ao estímulo sexual e ao biótipo das atrizes pornô, as respostas do público feminino se concentraram no tipo de sexo que elas querem ver, como, por exemplo, “vídeos caseiros, sem excessos de maquiagem, gritos e violência”.

Um menino entre 16 e 18 anos, ao responder “aliviar a tensão”, destoa da maior parte das respostas do público masculino e revela não somente a busca por prazer e masturbação, mas a necessidade de um refúgio que se espera encontrar na pornografia. Já nas respostas das meninas, três que chamaram atenção, também de sujeitos entre 16 e 18 anos, são “procuro conhecer mais sobre sexo e obter prazer”, “estímulo para me masturbar conhecer melhor o meu próprio corpo, porém odeio a indústria pornográfica e acho que tenho que achar outros modos de conseguir isso” e “pornografia que procure satisfazer a mulher e não o homem”.

A primeira resposta destacada das respostas das mulheres está diretamente relacionada a procura por informações sobre sexo, ou seja, além de obter prazer, a adolescente está primeiramente interessada em conhecer melhor sobre o que é sexo. Já a segunda resposta é relacionada ao estímulo ao descobrimento corporal, o que demonstra, entre outras razões, a falha que há no período da adolescência em relação às meninas de estímulo ao descobrimento do próprio corpo e da sua identidade, vista com naturalidade na nudez presente na pornografia. Esta resposta nos remete a ideia de que a aproximação dos jovens à pornografia ocupa um lugar “transgressor”, ou seja, que tem como objetivo fugir dos “nãos” aos descobrimentos corporais e discursos sobre sexo e sexualidade no âmbito escolar, apresentada por Mikos (2017, p. 29). A terceira resposta em destaque diz respeito a desigualdade de gênero na pornografia – a adolescente está interessada em ver o prazer direcionado a mulher, e não ao homem, uma forma de identificação com a atriz pornô da cena, na tentativa de buscar seu próprio lugar de prazer ao assistir os vídeos pornográficos.

Em relação às respostas que os adolescentes do grupo pesquisado sobre o que eles verdadeiramente encontram nos sites pornográficos, “sexo” e respostas relacionadas, como “vídeos pornográficos” ou “pornografia”, são as que aparecem mais vezes (n=52) sendo 34 por meninos e 18 por meninas, de 16 a 18 anos. Respostas que representam a extensão do conteúdo pornográfico, como “de tudo”, aparecem oito vezes entre o público masculino entre 16 a 18 anos.

Enquanto isso, “loucuras” aparece quatro vezes entre as respostas e sexo “falso” ou “irreal”, também quatro vezes, todas pelo público feminino entre 16 e 18 anos. Uma

adolescente revela: “um sexo irreal. Parece que os vídeos são feitos apenas para homens porque nós lésbicas não fazemos sexo daquele jeito. Não tem representatividade nenhuma! Sem contar que normalmente são mulheres brancas com vaginas perfeitas, as quais seguem um padrão estético. Totalmente irreal”. A resposta dessa menina revela a quantidade de insatisfação e revolta do público feminino no contato com a pornografia, a partir da constatação da desigualdade de gênero e da objetificação corporal da mulher, já percebida durante essa fase da vida. Há, também, a não-identificação do sexo lésbico representado na pornografia, que é endereçado para o prazer masculino e não feminino, como nos apresenta Carvalho e Leda (2016), ao afirmarem que a pornografia é voltada para o público masculino pois a descoberta do prazer pela mulher daria autonomia ao seu próprio corpo, fora da pornografia, mas também na sociedade.

Respostas relacionadas a sexo sem consentimento, desvalorização da mulher ou machismo são identificadas três vezes pelo público masculino, sendo uma delas respondida por um menino de 13 a 15 anos e duas por adolescentes entre 16 e 18 anos. Já em relação às mulheres, respostas desse tipo podem ser encontradas 10 vezes, entre as que tem entre 16 e 18 anos, além de “vídeos ruins” ou “estranhos”, três vezes. “Banalização dos prazeres femininos e excesso de dominação do homem sobre a mulher”, “vídeos pornográficos, em sua maioria destinados aos homens”, “hipersexualização da imagem feminina” e “cenas de sexo focadas no prazer do homem proporcionadas por mulheres” são algumas das respostas de meninas que responderam “prazer” ou “estímulo à masturbação” na pergunta anterior, sobre o que esperam encontrar nos sites pornográficos. Uma adolescente que possui entre 16 e 18 anos de idade que respondeu “loving kind²⁹” na pergunta anterior, esperando encontrar vídeos de sexo “com amor” responde “vídeos brutais” ao ser questionada sobre o que encontra na pornografia na internet.

Os dados revelam a frustração maior dos participantes do gênero feminino ao que esperam encontrar e ao que verdadeiramente encontram nos sites pornográficos. Somente duas adolescentes respondem “prazer” nessa parte do questionário. Desta forma, é possível concluir a insatisfação maior entre as meninas em relação ao que encontram na pornografia. Essa frustração pode ser justificada pela violência e inferiorização da figura da mulher na pornografia, destacadas no capítulo anterior, com a análise de vídeos do site Pornhub, que revelou a pouca presença e destaque de vídeos pornográficos que tenham como objetivo o

²⁹ Vídeos amorosos – tradução nossa.

prazer feminino, tanto nas performances dos atores e atrizes pornôs quanto na fotografia das cenas.

A pergunta posterior busca entender se os adolescentes estão aprendendo algo com a pornografia. É a partir daqui é possível identificar qual o potencial de ensino dos sites pornográficos durante a adolescência e se pode causar efeitos e ser parte da constituição da identidade adolescente e da formação das múltiplas identidades e formação do sujeito durante toda a vida. De 108 indivíduos que permanecem até esse momento de respostas do questionário, 66,7% (n=72) afirmam não achar que aprendem como ser ou agir assistindo pornografia, enquanto 33,3% (n=36) declaram que sim. Desses 36 adolescentes, 18 se declaram homens e os outros 18, mulheres. Três pessoas possuem de 13 a 15 anos, sendo um homem e duas mulheres, enquanto todo o restante possui entre 16 e 18 anos. É possível concluir, então, que parte dos adolescentes se sente influenciado de alguma forma e acha que a pornografia na internet tem potencial de ensino em suas vidas.

As respostas dos participantes do gênero masculino são, em sua grande maioria, “transar” (n=12). “Várias posições sexuais diferentes, além de saber como agradar a mulher na cama. Acho que posso aprender mais com lésbicas porque elas sabem do que as mulheres gostam” foi a resposta de um adolescente de 13 a 15 anos de idade. A resposta deste adolescente mostra a complexidade das relações de gênero que, por vezes, se entrelaçam com as orientações sexuais. O adolescente conclui que, na pornografia lésbica, mulheres sabem mais do que outras gostam uma vez que o prazer feminino é mais estimulado, mesmo que ainda endereçado aos homens. A partir disso, pode-se dizer que há uma espécie de tentativa de fuga do “regime heterossexual da normalidade” (GRIFFIN, 2000; Rich, 1980 apud PINTO et al, 2010), que é representado, de diferentes formas na pornografia. Ou seja, há uma busca pelo sexo real a partir de uma perspectiva cada vez mais sincera e pura pelos adolescentes do que significa, para eles, prazer. Além disso, a preocupação do encontro nos sites pornográficos de orientações sobre como satisfazer o parceiro ou parceira sexual, caracterizado pela fala do adolescente, que quer entender melhor sobre como se comportar para agradar as mulheres, através da própria visualização da pornografia.

Uma resposta de um adolescente que possui entre 16 e 18 anos revela o vazio emocional e a realidade distanciada perpetuada pela pornografia: “Eu não aprendo nada, só a me sentir um merda”. Segundo um estudo realizado em 2005, crianças que consomem materiais sexualmente explícitos na internet são mais propícias a apresentar sintomas clínicos de depressão do que os que consomem através de outros meios (YBARRA & MITCHELL

apud OWENS et al, 2012, tradução nossa). Dessa forma, podemos observar a influência direta da pornografia na constituição de identidade e na saúde emocional dos adolescentes, ao se depararem com cenas e atos sexuais que são forçados ou irreais, transmitindo uma ideia de ser impossível alcançar certas performances.

A tentativa de identificação com a atuação ou os padrões corporais de atores e atrizes pornográficas disseminam a ideia de que é possível alcançar aquilo que é visto pelos adolescentes como o “jeito correto de se transar”, ou “como transar”, muitas vezes frustrando os espectadores. Tal tentativa nos remete a “Síndrome Normal da Adolescência”, definida por Aberastury e Knobel (1971 apud MAGRO, 2003) como o caminho que o adolescente percorre a fim de definir sua identidade, a partir de inúmeros modelos comportamentais. Esse estado de “crise” faz o adolescente percorrer momentos de instabilidade emocional até estabelecer quem realmente quer se comportar.

As respostas do público feminino foram relacionadas a técnicas ou maneiras de agir durante a relação sexual ou mesmo como satisfazer o parceiro ou parceira sexual (n=12). Também apareceram respostas relacionadas ao descobrimento do próprio corpo ou sexualidade (n=3). Uma adolescente, que possui entre 16 e 18 anos revelou, em sua resposta, a influência da pornografia abusiva e da perpetuação da violência contra a mulher nos sites pornográficos no comportamento dos meninos com quem se relaciona: “Não aprendo nada, mas já fiquei com meninos que até no beijo tinham muito jeito de pornô, o jeito meio agressivo, pegar no corpo da menina de forma bruta, etc., acho péssimo”. A caracterização de “jeito de pornô” do jeito agressivo com o qual já presenciou o toque de adolescentes do gênero masculino com quem teve contato, representa a percepção feminina do ensino do modo de agir masculino a partir do contato com os vídeos pornográficos. Essa busca por afirmação do que é enxergado como “masculino” pelos meninos em seus gestos e atos corporais pode ser justificada pela maior delimitação das concepções de feminilidade e masculinidade no período da adolescência (DOMINGUES & ALVARENGA, 1997).

A partir de respostas como “Como satisfazer o parceiro”, “Do que as pessoas gostam” e “Vídeos pornográficos em sua maioria, são voltados para satisfazer apenas o público masculino” é possível identificar que as adolescentes mulheres participantes do questionário estão se identificando com o lugar que é proposto para a mulher na pornografia, ao mesmo tempo em que possuem o entendimento que os vídeos pornográficos são espaços em que o prazer da mulher aparece diminuído em relação ao prazer masculino.

A pergunta final é sobre desigualdade de gênero. “Você percebeu alguma diferença no seu comportamento ou visão em relação às mulheres depois que começou a assistir pornografia?” é respondida por 108 indivíduos, contabilizando 36 respostas positivas, sendo 15 destas por homens – 3 possuem entre 13 e 15 anos de idade e o restante de 16 a 18 anos - e 20 por mulheres – 3 entre 13 e 15 anos de idade e o restante de 16 a 18 anos.

Em relação às respostas dos homens, as mesmas se concentram no estímulo ao olhar de objetificação do corpo feminino e no mau tratamento de mulheres, onde dizem que a pornografia estimula esse olhar (n=4), na vontade maior de transar com as mulheres (n=3), e na falta de confiança em relação ao próprio relacionamento pessoal com mulheres (n=2). Um participante do gênero masculino e homossexual revela que “a pornografia ressalta completamente estereótipos machistas nas pessoas, inclusive em mim, que sou homossexual e teria menos propensão ao machismo/misoginia”. Pode-se destacar o que Gonçalves (2014) entende como as diferentes formas de interpretação de padrões, estereótipos, modelos e referências perpetuados pela mídia. O olhar sobre o corpo da mulher como simples objeto de prazer para o homem é um valor identificado pelos adolescentes presente na pornografia, os incentiva a incorporá-lo e internalizá-lo.

Já a erotização do cotidiano e das mulheres é revelado nas respostas dos meninos, como representado na série *Big Mouth*, no episódio “Porniverso”: “Agora vejo mulheres na rua, no ônibus e fico com muita vontade de transar com elas” é a declaração de um adolescente com idade entre 13 e 15 anos. Essa é uma descoberta do “outro” como objeto de desejo, uma das identificações do exercício da sexualidade, elemento fundamental na adolescência, segundo Domingues e Alvarenga (1997) e que não pertence aos debates ou faz parte do discurso familiar ou escolar com os adolescentes. Dessa forma, essa descoberta se dá, em muitos deles, a partir do primeiro contato com a pornografia.

Duas respostas devem ser destacadas quanto ao lugar da pornografia e o olhar sobre a mulher nos relacionamentos amorosos desses adolescentes: “Me senti menos confiante em relação ao relacionamento pessoal” e “Eu passei a investir menos no relacionamento pessoal com as mulheres”. Ambas as respostas merecem uma análise detalhada em relação a forma com que os adolescentes homens, ambos com idades entre 16 e 18 anos, enxergam a identidade feminina no seio de suas vidas pessoais. Os dois adolescentes se sentem menos confiantes em relação a eles mesmos e às mulheres com quem se relacionam (ou irão se relacionar futuramente) devido a própria percepção do que é ser mulher e do que é ser homem na vida real, com base na assimilação das identidades representadas nos vídeos pornográficos.

É possível perceber, a partir dessas duas respostas, a influência comportamental em segundo plano e a intervenção na identidade dos adolescentes e em sua compreensão sobre relacionamentos em primeiro plano, com base da desigualdade de gênero que se configura na pornografia na internet, que transmite a imagem feminina como inferior e apenas um objeto de prazer, não digna de uma relação amorosa, por exemplo, embutida no olhar sobre atriz pornô que atravessa as cenas e chega à realidade.

As respostas das adolescentes mulheres se posicionam relativas, em sua maioria, a objetificação, ridicularização ou sexualização das mulheres na pornografia pelos homens (n=8). Duas dessas respostas, de meninas com idades entre 16 e 18 anos, se referem a como o comportamento machista ultrapassa as barreiras da pornografia e adentra a realidade de dominação do homem sobre a mulher na sociedade, perpetuando-a: “Tenho evitado assistir este tipo de conteúdo. Ao meu ver, perpetua a relação de dominação do homem sobre a mulher. Além disso, os vídeos em sua maioria, mostram apenas o prazer masculino” e “A objetificação exacerbada e violência dos pornôs me mostrou justamente o quanto esse comportamento não é natural e sim um constructo social machista. Passei, com isso, a entender melhor o feminismo e a perceber (e evitar) reproduções machistas na minha própria fala e comportamento”.

A autonomia das mulheres e a percepção que as mulheres também podem gostar de sexo estão presentes nas respostas das participantes. Uma menina com idade entre 13 e 15 anos declara: “Autonomia. Me fez perceber que mulheres podem sim gostar de sexo e devem ser respeitadas e tratadas como iguais por isso. Isso é natural e deveria ser visto dessa forma, sem estigmas”. É preciso destacar, nesta resposta, o grupo *The Feministe Anti-Censorship Taskforce* (FACT), mencionado anteriormente neste trabalho e que, em 1984, representou o movimento de oposição a antipornografia, defendendo ser a pornografia libertadora para as mulheres.

O desejo pelas mulheres e a constatação de que o corpo feminino pode causar tesão também aparece entre as respostas das adolescentes mulheres, quatro vezes. Por fim, a contribuição da pornografia para descobrir e entender a própria orientação sexual. Uma das participantes responde: “como eu comecei a assistir pornografia quando estava descobrindo a minha sexualidade, eu comecei a sentir vergonha quando as minhas amigas ficavam seminuas na minha frente porque eu comecei a sentir atração sobre aqueles corpos”. Ao observar essa resposta, podemos concluir que a pornografia exerce influência diretas nas identidades sexuais, uma vez que ocupa um lugar de entendimento não só do prazer pessoal, mas no

desejo e prazer no olhar sobre o outro e sobre outros corpos, configurando o começo de suas “sexualizações”.

O questionário, portanto, representa um importante instrumento neste trabalho que busca comprovar, a partir de uma amostra de adolescentes, que estes estão sendo influenciados pela pornografia no olhar sobre si mesmo e sobre o outro, assim como na sua percepção sobre as relações de gênero e consequente desigualdade que a pornografia representa, trazendo questionamentos pessoais para o âmbito pessoal. A partir das respostas dos adolescentes, é possível compreender que a pornografia está ocupando um espaço importante em suas vidas, na fase de configuração de múltiplas identidades (HALL, 2006), que é a adolescência, enquanto homens e mulheres, agindo sobre a compreensão sobre o que é prazer, erotismo, sexo e papéis sexuais e sociais na sociedade. Além disso, a pornografia na internet representa, para eles, importante fonte de informação sobre o ato sexual e como agir durante o sexo, o que revela a dimensão educativa que os sites pornográficos estão ocupando na vida dos adolescentes.

5.3 Pornhub Wellness Center: uma nova proposta de educação sexual

A partir da percepção da importância da educação sexual de crianças, adolescentes e jovens para além dos âmbitos tradicionais familiares e escolares ou mesmo da omissão desse tipo de discussão nesses espaços, novas perspectivas da abordagem de assuntos como sexo, sexualidade e saúde estão sendo adotadas na internet. Paralelamente a isso, novas perspectivas estão sendo criadas para a atuação da educação sexual também dentro da pornografia. Segundo o *Institute of Development Studies* (2016), a partir da análise de tráfego online feito pela *Similar Web* entre 10 e 13 de outubro de 2016, o Pornhub recebe 650 vezes mais visitas do que o *Scarleteen.com*³⁰, site de educação sexual identificado como o mais popular do mundo.

Em fevereiro de 2017 o Pornhub publicou o vídeo *Pornhub Sexual Wellness Center*³¹ no Youtube, uma das maiores redes sociais de compartilhamento de vídeos do mundo. Até o momento atual, já são 473.492 visualizações. O vídeo inicia com a psicóloga especializada em sexualidade em práticas privadas, Laurie Betito, revelando que seu objetivo atual é alcançar o maior número de pessoas para ajudar a informá-las e educá-las sexualmente e daí ocorre a necessidade de criar um espaço de informação na internet para que isso seja possível.

³⁰ Disponível em: <<http://www.scarleteen.com/>> Acesso em: 12 nov. 2017.

³¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1wq6EPO4vMY#action=share>> Acesso em: 12 nov. 2017.

O objetivo do vídeo é convidar todos a visitarem a nova página disponibilizada pelo site Pornhub na internet – o Pornhub Sexual Wellness Center, que tem como diretora a médica, e que atua em conjunto com a sua equipe de profissionais. O novo site, segundo Laurie, é um espaço onde é possível encontrar reais informações e conselhos relacionados a sexo, amor e intimidade. A médica finaliza o vídeo afirmando que o site, lançado no mesmo dia, é totalmente direcionado a saúde e educação e a responder dúvidas que o visitante possa apresentar.

A página inicial do site o apresenta como um lugar de *real talk about sex from those who know the best*³², enfatizando a presença de médicos e profissionais para atender os visitantes. O próprio nome do site revela a importância de, mesmo sendo um espaço promovido por um site pornográfico, caracterizar uma página que promove saúde e bem-estar. As opções de guias no interior do site estão divididas em “Get healthy³³”, “Sexuality³⁴”, “About us³⁵” e “Contact us³⁶”. É a partir dessas guias que este trabalho pretende explorar e analisar o site como um todo.

Inseridos na guia “Get healthy” estão as abas “Your body³⁷”, “STDs³⁸” e “Reproductive Health³⁹”. Todas elas são destinadas a assuntos que abordam saúde e bem-estar. Em “Your body”, é possível visualizar artigos que tratam sobre assuntos como disfunção erétil, o que é testosterona, as posições sexuais que causam menos dores nas costas e até mesmo a resposta de mitos ou realidades do senso comum sobre o tema. Todo o conteúdo desta parte do site, que contém 15 artigos até hoje, é escrito por profissionais da saúde e do corpo, de médicos gerais a neurocientistas. Nos dois primeiros textos são apresentando a anatomia feminina e masculina e todos possuem imagens que procuram ilustrar as informações descritas, com uma leitura de fácil compreensão e descontraída, apesar de tratar de conteúdos sérios. É válido destacar que há informações destinadas tanto a pessoas heterossexuais quanto homossexuais, inclusive com o esclarecimento de terminologias relacionadas e experiências sexuais homossexuais.

A área relacionada às doenças sexualmente transmissíveis, “STDs”, contém, além de artigos informativos sobre como se prevenir, sintomas e onde realizar testes, um guia de mitos

³² Conversa real sobre sexo com quem melhor sabe – tradução nossa.

³³ Fique saudável – tradução nossa.

³⁴ Sexualidade – tradução nossa.

³⁵ Sobre nós – tradução nossa.

³⁶ Contate-nos – tradução nossa.

³⁷ Seu corpo – tradução nossa.

³⁸ Doenças Sexualmente Transmissíveis – tradução nossa.

³⁹ Saúde reprodutiva – tradução nossa.

e verdades sobre prevenção, transmissão e contaminação. Os primeiros textos dessa área são destinados a descrever as principais doenças sexualmente transmissíveis, como AIDS, HPV, herpes, entre outras. A formatação destes textos segue o padrão de respostas às perguntas sobre o que é a doença, como a doença afeta a saúde, quais as opções de tratamento e como se prevenir.

“Reproductive Health” é umas das maiores partes do site, onde é possível encontrar informações sobre tratamentos médicos específicos e mudanças corporais que afetam a saúde ou fazem parte do funcionamento orgânico e sexual de um indivíduo, como aborto, vasectomia, gravidez e menstruação – sempre descrevendo o que é, como acontece, os principais problemas envolvidos ou como lidar com as sensações que podem acompanhar cada um desses procedimentos, momentos e acontecimentos. “Feeling Nervous⁴⁰”, por exemplo, é um dos tópicos do texto “Going to the Gyno⁴¹”, e procura acalmar as mulheres leitoras a respeito da ida ao ginecologista, ressaltando sua importância na saúde sexual.

Na guia “Sexuality”, estão presentes as abas “Relationships”, “Real Talk” e “Q&A”. Em “Relationship”, há material direcionado para casais e parceiros sexuais. Os assuntos abordados nos artigos são os mais diversos, desde estudos psicológicos do porquê homens e mulheres traem, passando pela abordagem do assunto sobre relações assexuadas - a fim de desconstruir preconceitos e estimular a autoestima e auto aceitação -, até um *quiz* para o visitante entender se relacionamentos abertos ou poligâmicos podem ser a melhor escolha. Uma gama variada de assuntos é abordada nessa parte do site, que tem como proposta uma abordagem menos médica e pautada na saúde e mais psicológica e comportamental, que se insira no cotidiano e na realidade sexual de cada indivíduo que acessa o site. *Finding the right porn for your and your love*⁴² é o primeiro texto sugerido, que procura dar dicas para que casais possam encontrar o melhor tipo de pornografia para assistirem juntas. Em todos os artigos a linguagem é descontraída, escritos por psicólogos, terapeutas e cientistas comportamentais.

“Real Talk” é a área destinada a falar especificamente sobre temas relacionados ao sexo a ao ato sexual. Curiosidades sobre sexo anal, sexo *BDS*⁴³ e porque o orgasmo dá prazer, são alguns dos temas abordados. Também estão presentes textos de outras áreas do site que estão diretamente relacionados ao ato sexual, prazer ou maneiras e tipos de sexo. Entretanto, o que chama atenção é o primeiro artigo dessa parte do site, que fala sobre a *hashtag*

⁴⁰ Sentindo-se nervoso – tradução nossa.

⁴¹ Indo à ginecologista – tradução nossa.

⁴² Achando o pornô certo para você e seu amor – tradução nossa.

⁴³ Acrônimo para a expressão "Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo".

“#HowIWillChange”, uma iniciativa dos homens, na rede social *Twitter*, em que eles descrevem o que podem fazer para contribuir para a mudança da cultura machista presente na sociedade que permite que mulheres sejam abusadas e violentadas. A importância do texto é enorme visto a quantidade maior de homens que acessa o Pornhub e, conseqüentemente, acessam o Pornhub Wellness Center e se deparam com um texto que apresenta a importância de iniciativas que estimulam o seu papel na educação da sociedade para esse problema social, inserido no contexto da desigualdade de gênero.

“Q&A” é a área destinada a perguntas e respostas, recebidas pelo público e respondidas pela psicóloga Laurie Betito. No canto esquerdo da página, há um link que direciona o visitante para a aba “Contact Us”, onde é possível enviar perguntas, através do preenchimento de dados como nome e e-mail. A cada semana, são publicadas as principais perguntas enviadas (em média de 3 a 4), com uma resposta em profundidade de Laurie, classificadas a partir de títulos que as diferenciam por temas. As perguntas atravessam os assuntos relacionamentos, sexo, solidão amorosa, sexualidade, orientação sexual, gênero, conceitos de masculinidade e feminilidade, entendimento corporal, pornografia, virgindade, entre outros. A partir dessa parte do site é possível identificar a necessidade do público que acessa o site de procurar por informações a respeito de todos esses temas, principalmente os jovens, grande parte do público que envia as questões. Algumas questões requerem destaque, como exemplos os questionamentos que são enviados e que fazem parte do cotidiano não só de norte-americanos, mas de indivíduos de várias partes do mundo, que enviam suas dúvidas a fim de encontrar respostas nesse tipo de espaço.

As perguntas sobre relacionamentos, ejaculação precoce e tamanho dos pênis são as mais frequentes. As relacionadas a relacionamentos ou parceiros sexuais e amorosos também aparecem constantemente. No “Q&A with Dr. Laurie” de 20 de julho de 2017, uma mulher fala sobre seu namorado querer sexo, mas ela não se sentir confortável e pergunta o porquê de os homens gostarem tanto desse tipo de relação sexual. Laurie responde que, apesar dessa ser uma grande fantasia masculina, ela não deve considerar algo que a coloque em uma posição desconfortável. Na publicação de número 15, uma pessoa pergunta como ajudar sua parceira que sofreu assédio sexual, inclusive estupro, no passado.

No “Q&A with Dr. Laurie” de 8 de novembro de 2017, uma mulher de 18 anos, diz que não consegue encontrar muitas pesquisas ou informações sobre masturbação feminina e quer saber mais sobre isso, solicitando alguma recomendação. Laurie, então, a recomenda um livro, que considera ser um guia sobre masturbação feminina. Na publicação de 18 de outubro

de 2017, uma pessoa pergunta o porquê de homens gostarem de ejacular na face de mulheres e se isso tem a ver com assistir pornografia. Laurie responde que nem todas as mulheres gostam disso e que essa percepção pode ter sido construída pelos vídeos pornô, mas que é necessário lembrar que elas estão atuando nesses vídeos e que isso é algo que envolve humilhação, então é necessário que haja total consentimento da parceira. Na décima publicação, um homem de 19 anos de idade, que declara ser da Índia, revela estar muito preocupado com sua vida sexual e sua saúde por se masturbar frequentemente e pergunta o que pode acontecer se alguém se masturba demasiadamente.

Como exemplos de perguntas relacionadas diretamente ao ato sexual, no “Q&A With Dr. Laurie” de número 5, uma mulher que faz sexo há 3 anos nunca chegou ao clímax do orgasmo, somente através da masturbação, e que sente dores com a penetração e pergunta se isso é normal. Laurie responde com dados que revelam que 75% das mulheres não chegam ao orgasmo com penetração e com conselhos como incorporar objetos que estimulam a área do clitóris durante o sexo. Já na sétima publicação, há o questionamento de uma mulher sobre o ato sexual durante a masturbação e na de 5 de julho, o pedido de uma mulher de dicas sobre como fazer sexo anal. A pornografia também aparece nas perguntas. Na publicação do dia 16 de agosto de 2017, é perguntado se é normal que homens assistam pornografia. Laurie responde que é um hábito normal, mas que pode ser um problema ao interferir no relacionamento ou causar algum mal pessoal ao próprio indivíduo.

O Pornhub Wellness Center se revela, então, uma das alternativas de informação sexual, emocional e sobre relacionamentos que se pode encontrar na internet. Através desta página, produzida por um site de compartilhamento de vídeos pornográficos, o Pornhub, pessoas de todas as idades, anonimamente, buscam por essas informações e por um espaço em que se sintam confortáveis para discutir assuntos que ainda são tabus na sociedade, em diferentes instâncias. Dessa forma, constitui uma plataforma de ensino e educação ao qual se chega através da própria pornografia online. Esse é um paradoxo ou contradição que se pode perceber quando falamos, anteriormente neste trabalho, sobre o potencial negativo do site Pornhub na percepção sobre as relações de gênero, papéis sexuais e estereótipos perpetuados e, ao mesmo tempo, a oferta de um lugar na internet em que é possível discutir a complexidade dessas relações e o impacto que esses assuntos podem ter na constituição de identidades e comportamentos, inclusive em relação a questões relacionadas à saúde, impactando positivamente.

Através da apresentação de cada parte do site é possível perceber, portanto, que a internet está ocupando um espaço na educação sexual e questões correlacionadas e que há uma busca por esse tipo de informação em todas as fases da vida de um sujeito (não há como identificar as idades dos participantes que enviam as perguntas para o site. Dessa forma, os mesmos podem estar na fase da adolescência). Desde questões relacionadas a estética e funcionamento corporal até as que dizem respeito a dinâmica sexual e de relacionamentos amorosos, os visitantes do site, de todas as partes do mundo, têm acesso a uma gama enorme de informações que podem ajudar no entendimento sobre si mesmos e sobre o outro, através de diversos especialistas temas específicos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia está ocupando um papel de ensino cada vez maior em relação à temas relacionados a sexualidade, ato sexual, saúde, corpo e relacionamentos amorosos e sexuais. A ausência da escola e a não discussão desses temas no ambiente familiar abrem caminho para que a internet, maior espaço de circulação e compartilhamento de informações hoje, seja um agente de influência na educação sexual, na constituição de identidade e na percepção das relações de gênero e identidades sexuais por adolescentes. Isso ocorre porque é na fase da adolescência que ocorre uma maior necessidade dos sujeitos adolescentes de busca por si mesmo, definição de suas múltiplas identidades e percepção sobre o lugar que o outro ocupa na sociedade. A pornografia na internet, com os sites pornográficos, portanto, está causando impacto em todos esses aspectos.

A estrutura e os vídeos do site Pornhub nos revelou a desigualdade de gênero representada na pornografia, com a objetificação do corpo e imagem da mulher, além de cenas construídas com intenções machistas e pedófilas. Os papéis sociais de gênero presentes na sociedade e formados no interior de uma cultura que produz sentidos do que é ser mulher e homem, são representados na pornografia online através do incentivo à manutenção do lugar inferior da mulher, sua humilhação e violência verbal e física.

O questionário online nos comprovou que os adolescentes estão assistindo a pornografia e que sentem que estão aprendendo algo com ela. Através das respostas do questionário, é possível concluir que os adolescentes estão procurando, além de prazer, informações sobre o ato sexual e esperam aprender algo com os sites pornográficos. Em contraste a esse fato, nos mostrou, também, que o que esperam encontrar, na grande maioria das vezes, não é condizente com o que eles realmente encontram na pornografia. As respostas das participantes do gênero feminino revelaram a percepção, desde a adolescência, da perpetuação da cultura machista e do lugar reservado a mulher na pornografia, o que gera insatisfação. A posição de autonomia da mulher e a sensação de empoderamento também foi apontado pelas meninas.

Foi constatado, entre a maior parte dos adolescentes homens e mulheres que o ato de assistir a vídeos pornográficos está influenciando e agindo sobre sua maneira de enxergar a si mesmo, a identidade feminina e sua percepção sobre as relações de gênero. Além disso, há uma identificação e uma espécie de deslocamento do olhar sobre o conteúdo pornográfico online para suas próprias vidas e relacionamentos pessoais, gerando conflitos e sentimentos diversos, desde solidão à erotização de corpos a sua volta.

A postura e a expectativa sobre o comportamento do gênero oposto sobre como se comportar também foram aspectos pontuados pelos adolescentes que sofreram mudanças após a visualização de vídeos pornográficos. Pode-se perceber, pelas respostas, o quanto a disponibilização e o direcionamento dos vídeos dos sites que os adolescentes acessam, bem como atuação de atores e atrizes pornográficos e sua postura durante as cenas, são relevantes ao serem convidados a refletirem sobre isso.

As tentativas de censura tanto da pornografia na internet quanto da inserção de debates sobre gênero, sexo e sexualidade no âmbito escolar avançam ao lado de novas perspectivas de ensino e espaços de discussão no ambiente online, inclusive através de sites pornográficos, como o Pornhub – que, em contraste com a não escolha por assumir responsabilidade pelo conteúdo que disponibiliza, está tomando à frente na oferta de informações a partir de uma preocupação social e relacionada à saúde.

O presente trabalho não esgota as reflexões de estudo na área, sendo sua proposta a de trazer a discussão sobre esse movimento da indústria pornográfica na ocupação de um lugar na educação sexual e da identidade de adolescentes, que buscam por informações reais e por lugares onde encontrem prazer e reconhecimento com as transformações pelas quais passam na fase da adolescência.

A partir dos dados e informações obtidas neste trabalho, é necessária a complementação da pesquisa na área. O impacto comportamental nos adolescentes do gênero masculino, em relação à comportamentos violentos e à solidão a partir de como enxergam a si mesmos e a identidade feminina é uma das possíveis linhas de pesquisa. Além disso, a busca por prazer das adolescentes do gênero feminino na pornografia, ao mesmo tempo em que elas não se reconhecem nos vídeos pornográficos e o impacto dessa ausência de um lugar sexual em que se sintam reconhecidas e empoderadas na sua vida sexual, na fase adulta; a relação entre essa percepção do lugar inferior da mulher nos vídeos pornográficos desde a adolescência com o lugar que a mulher reserva a si mesma nos relacionamentos e ato sexual; e as consequências da busca por informações reais não encontradas na pornografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004. 225p.

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. Campinas: Autores Associados, 2001.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 233p.

CARVALHO, Milena de; LEDA, Larissa. *Mulher no pornô: Uma representação da hetenormatividade*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. *Anais...* São Luís: Universidade do Maranhão, 2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1421-1.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

COUTINHO, Lídia Miranda. A Telenovela Malhação e seus Modos de Endereçamento. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2008, Guarapuava. *Anais...* Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2008/resumos/R10-0388-1.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 592-601, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n3/13.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

DOMINGUES, C. M. A. S.; ALVARENGA, A. T. Identidade e Sexualidade no Discurso Adolescente. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 36-63, 1997. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/jhgd/article/viewFile/38564/41410>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). *Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. 190p. Disponível em: <<http://www.maryneidefigueiro.com.br/pdf/educacaosexual-multiplostemas.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

GONÇALVES, L. F. *Jovem conectado: influências identitárias*. 2014. 72f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro. 2014.

GONÇALVES, Helena Cristina B.; MUNARIM, Iracema; GONÇALVES, Michelle Carreirão. Discutindo masculinidade através da Playboy. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 19, jan. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/966>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

GUERRA, V. M.; ANDRADE F. C. B.; DIAS M. R. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 2, p. 269-

277, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200008&lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 97p.

LACERDA, M. P. C. O impacto da mídia na constituição das juventudes. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenal, v. 7, n. 2, p. 565-581, mai./ago. 2012. Disponível em: <proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/download/2601/2000>. Acesso em: 19 nov. 2017.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução dos artigos de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MAGRO, V. M. M. *Meninas do Graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero na culturas juvenis contemporâneas*. 2003. 208f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003.

MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação Sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 17, n. 1, p. 151-156, jan./mar. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=287123554017>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 285-293, ago. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722007000200009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 nov. 2017.

MIKOS, C. M. F. *Produzir o sexo verdadeiro, regular o sexo educado: aproximações entre o cinema pornô e a educação sexual*. 2017. 156f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2017.

OWENS, E. W.; BEHUN R. J.; MANNING J. C.; REID R. C. The impact of Internet pornography on adolescents: A review of the research. *Sexual Addiction & Compulsivity*, v. 19, p. 99-122, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/toc/usac20/19/1-2>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

PINTO, Pedro; NOGUEIRA, Maria da Conceição; OLIVEIRA, João Manuel de. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 374-383, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=01027972&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2017.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v29n4/10.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

RAUPP, F. B.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, I. M. (Org.). *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática*. São Paulo: Atlas, 2003. p. 76-97.

ROSENZWEIG, Patricia. As práticas e as significações das marcas nas narrativas cinematográficas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. *Anais...* Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/lista_area_DT4-CI.html>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. *Educação sexual na escola*. Instituto da Criança do Hospital das Clínicas e Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000.

SETTON, M. G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27879>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SILVA, J. C. C. B. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 143-165, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100008>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

SILVA, R. C. P.; NETO, J. M. Formação de professores e educadores para abordagem da Educação Sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132006000200006&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 19 nov. 2017.

SOUZA, Maria Alice de; MILL, Daniel. Representações de gênero: sociedade, linguagem e mídia televisiva. *Educação: revista científica do Claretiano - Centro Universitário*, Batatais, v. 5, n. 1, p. 55-75, 2015. Disponível em: <<https://claretiano.edu.br/revista/72/revista-educacao>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

VEIGA, M. J. A. *Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia*. 2015. 73f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais, com habilitação em Antropologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília. 2015.